

METODOLOGIAS

PARTICIPATIVAS PARA ANÁLISE DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

02

PROJETO ALMA CUIABÁ

Experiências no
Centro Histórico
de Cuiabá

ALMA
CUIABÁ

Apoio



GEOGRAFIA
UFMT

FAPEMAT
FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA E À INOVAÇÃO
DO ESTADO DE MATO GROSSO



CNPq

CAPES



O Projeto

O Projeto Alma Cuiabá é desenvolvido a partir do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com apoio da Fundação de Apoio a Pesquisa de Mato Grosso (FAPEMAT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Com uma equipe interdisciplinar e com atividades diversas, o objetivo do Projeto é analisar o Centro Histórico de Cuiabá, pensando temas como

patrimônio, memória, afetos e cuidados. Dividido em núcleos – Patrimônio, Arqueologia, Geografia Histórica e Geoprocessamento –, o projeto envolve diferentes temas e públicos, com o mesmo objetivo: entender esse contexto com ALMA. Vivências e experiências cotidianas nos entregam conhecimentos visíveis e invisíveis sobre um patrimônio cultural que também se sente e que precisa ser evidenciado por múltiplas percepções.

Metodologias
sensíveis

Percepção como
guia

Detalhes que unem o
material e imaterial

O Alma Cuiabá nasce como projeto, mas cresce como compromisso com a preservação, o afeto e a memória da nossa cidade.

PROJETO Apreço a Lugares Memórias e Afetos CUIABÁ

CADERNO TEMÁTICO 02

**Metodologias
participativas para
análise do patrimônio
edificado**





Este caderno apresenta os procedimentos técnicos e metodológicos e os principais resultados desenvolvidos pelo Núcleo de Patrimônio entre setembro de 2025 e agosto de 2026. São apresentadas as etapas de construção de uma metodologia elaborada e sistematizada pelas arquitetas Bruna Santos e Silva, Natália Lins Turi e Tamires Soares e pelo estudante Everton Gomes e pela docente Marcia Alves, para análise do estado de conservação dos bens edificados que integram o Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico do Centro Histórico de Cuiabá, destacando a importância das atividades de campo e da atuação de uma equipe interdisciplinar para a construção de uma abordagem integrada.

A metodologia desenvolvida parte da percepção como elemento central para compreender não apenas as condições materiais dos imóveis, mas também sua relação com a paisagem do conjunto histórico. Os resultados evidenciam a importância de articular diferentes olhares e procedimentos técnicos para compreender a conservação do patrimônio em sua dimensão espacial e paisagística. Neste Caderno Temático, serão explicitados os caminhos adotados e suas potencialidades. Os dados completos serão posteriormente disponibilizados em nosso site.

Em conjunto com os resultados produzidos pelos demais núcleos do projeto, essas ações contribuem para compreender o Centro Histórico de Cuiabá como um espaço em que patrimônio, memória, paisagem e relações de cuidado se articulam na produção das territorialidades urbanas.

Patrimônio Cultural de Cuiabá - sentir para preservar

Os caminhos delineados pela ocupação do povoado à beira do córrego da Prainha no séc. XVII, subindo e descendo morros, continuam a ser percorridos e vividos diariamente pela população que, muitas vezes, desconhece o valor histórico do patrimônio formado pelo **Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá (CAUP)** (Freire, 1997). Localizado no coração da cidade, onde ainda podemos nos guiar por alguns marcos que fazem parte da nossa história (e outros tantos), este Conjunto forma um acervo único que gera múltiplos **sentidos, percepções e afetos**.

A partir do tombamento do Centro Histórico pelo IPHAN, em 1992, foi protegido um perímetro de cerca de 13,1 hectares, que reúne aproximadamente 400 imóveis e representa uma parte importante do núcleo histórico de Cuiabá.

Essa área inclui **ruas, edifícios, largos e praças** que registram diferentes momentos da formação histórica, econômica e territorial da capital

mato-grossense (Brasil, IPHAN e Programa Monumenta, 2005). Esse tombamento demonstra que a **preservação de um conjunto de edificações com valor arquitetônico vai além da proteção de construções isoladas**. Ela também contribui para conservar a história da ocupação urbana da região, considerando aspectos como o **traçado das ruas, a topografia, os espaços livres, os padrões de ocupação e o conjunto das edificações**, elementos essenciais para compreender a evolução da cidade e de seu espaço urbano.

Compreender o patrimônio cultural da nossa cidade implica ultrapassar as fachadas e estruturas arquitetônicas que compõem o CAUP de Cuiabá. Essas estruturas foram/são **testemunhas silenciosas de um passado que se faz presente** e que transmite um legado para gerações presentes e futuras. Por diversas vezes, esse caráter testemunhal não é atribuído pela população, devido ao **desconhecimento que cerca esse espaço histórico**.

Ao percorrer as ruas do Centro Histórico de Cuiabá, é comum encontrar imóveis fechados, desocupados e em avançado estado de deterioração, alguns deles com partes já arruinadas. Essa realidade demonstra que a preservação do patrimônio não depende apenas da fiscalização realizada pelos órgãos responsáveis. Ela também **exige investimentos públicos, incentivos aos proprietários, programas de reabilitação urbana e políticas que promovam a ocupação e o uso desses imóveis**, mantendo o **patrimônio integrado à dinâmica cotidiana** da cidade e garantindo sua conservação ao longo do tempo.

A partir de uma **percepção ativa**, o patrimônio cultural pode abranger novas experiências, partindo de diferentes metodologias de leitura e análise da paisagem, deixando de ser apenas objeto tombado e inanimado, e passando a ter **dimensões (inter)relacionais, despertando reconhecimento, sensibilidade e cuidado**, que são essenciais para sua preservação em dias vindouros. Nossa intenção é possibilitar acesso a um processo democrático para o **estímulo de pertencimento, da identidade e da memória sobre o patrimônio de Cuiabá** para além do ato administrativo, colaborando para o diálogo entre sociedade, pesquisadores e Estado.

A proposta metodológica fundamenta-se na **análise do estado de conservação dos bens edificados integrantes do CAUP**, em especial aqueles localizados na área tombada, com o objetivo de contribuir com **ações de conservação, preservação e gestão do patrimônio cultural do Centro Histórico de Cuiabá**. Sua elaboração baseou-se na **consulta a diferentes metodologias e instrumentos aplicados** em contextos diversos, bem como em diálogos técnicos estabelecidos com o IPHAN-MT, no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre a UFMT e o IPHAN.

A **articulação entre a documentação técnica analisada e a experiência acumulada pela equipe** possibilitou a construção de uma proposta metodológica inovadora e interdisciplinar, capaz de integrar **critérios objetivos e subjetivos de avaliação**. Dessa forma, a metodologia contribui não apenas para os estudos patrimoniais desenvolvidos no presente projeto, mas também oferece subsídios para sua aplicação e adaptação em outras realidades e contextos de preservação do patrimônio cultural.





Glossário

Adobe: Material construtivo produzido a partir da mistura de terra, água e, geralmente, fibras vegetais, moldado em blocos e seco ao sol. Foi amplamente utilizado como técnica construtiva tradicional, inclusive em edificações históricas de Cuiabá.

Adorno / Ornamento: Elemento decorativo aplicado à edificação com a finalidade de valorizar ou caracterizar sua composição estética. Pode aparecer nas fachadas contornando portas, janelas e platibandas, conferindo volumetria através de frisos e outros elementos arquitetônicos.

Anomalia: Alteração, falha, deterioração ou irregularidade observada em um elemento construtivo ou arquitetônico, podendo resultar de desgaste, ação do tempo, falta de manutenção, intervenções inadequadas ou outros fatores.

Arcos: Elementos construtivos ou decorativos curvos, utilizados para vencer vãos em portas, janelas e passagens ou para compor visualmente as fachadas.

Balaústre: Pequeno elemento vertical, geralmente de formato torneado ou ornamentado, utilizado como suporte em guarda-corpos, parapeitos, varandas e escadas. O conjunto de balaústres é denominado balaustrada.

Beiral: Parte do telhado que se projeta para além do limite da parede externa da edificação, protegendo as fachadas da ação direta da chuva e do sol.

Cimalha: Elemento horizontal saliente utilizado para arrematar ou separar partes da fachada. Pode estar localizado próximo ao topo da edificação, funcionando também como elemento decorativo e de proteção contra a água da chuva.

Colunas: Elementos verticais, geralmente de seção circular, utilizados como suporte estrutural ou como elemento decorativo. São compostas, tradicionalmente, por base, fuste e capitel.

Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá: Área reconhecida como patrimônio cultural por reunir edificações, espaços urbanos, ruas, praças, elementos paisagísticos e características de organização da cidade que, em conjunto, expressam valores históricos, culturais e arquitetônicos de Cuiabá.

Eira e Beira: Expressão tradicional relacionada aos elementos de acabamento dos telhados. A “eira” corresponde à parte mais alta ou à cumeeira do telhado, enquanto a “beira” está relacionada às extremidades inferiores do telhado, especialmente aos beirais. A expressão também é utilizada para caracterizar elementos tradicionais da arquitetura colonial brasileira.

Esquadrias: Elementos que fecham ou protegem os vãos das edificações, como portas, janelas, venezianas e portões. Podem ser produzidas em madeira, metal ou outros materiais e apresentam características próprias de cada período arquitetônico.

Fachada: Face ou plano externo de uma edificação, especialmente aquele voltado para a rua ou para um espaço público. Pode ser composta por elementos como portas, janelas, ornamentos, cobertura, revestimentos e demais componentes que conformam sua estrutura.

Frisos: Faixas horizontais, geralmente decorativas, utilizadas nas fachadas para ornamentar, dividir ou destacar determinadas partes da composição arquitetônica.

Frontão: Elemento arquitetônico geralmente triangular ou curvo, localizado na parte superior de uma fachada ou sobre portas e janelas. É característico de diferentes estilos arquitetônicos e pode apresentar ornamentação.

Geminada: Edificação construída junto à outra, compartilhando uma parede lateral ou estando diretamente encostada no limite do lote. É uma característica frequente da arquitetura tradicional dos centros históricos.

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Órgão federal responsável pela preservação, proteção, identificação e valorização do patrimônio cultural brasileiro, incluindo bens materiais e imateriais.

Metodologia: Conjunto de métodos, procedimentos, técnicas e critérios utilizados para realizar uma pesquisa ou análise. No contexto deste estudo, corresponde aos procedimentos empregados para avaliar e analisar as edificações, a paisagem e as percepções relacionadas ao patrimônio.

Patrimônio Cultural: Conjunto de bens, manifestações, práticas, saberes, lugares e referências considerados importantes para a memória, a identidade e a história de uma sociedade. Pode ser material, como edificações e conjuntos urbanos, ou imaterial, como festas, saberes e tradições.

Pedra Canga: Tipo de rocha ferruginosa, comum na região de Mato Grosso, caracterizada pela presença de óxidos de ferro e coloração geralmente avermelhada ou marrom. Foi utilizada tradicionalmente na construção de fundações, baldrames e outras partes das edificações.

Glossário

Pedra Cristal: Denominação tradicional utilizada em registros da arquitetura cuiabana para determinada pedra empregada nas fundações das edificações históricas. Apresenta aspecto cristalino e foi utilizada juntamente com outros materiais pétreos nas técnicas construtivas tradicionais.

Pilastras: Elementos verticais semelhantes às colunas, porém geralmente integrados ou parcialmente incorporados às paredes. Podem exercer função estrutural ou, principalmente, decorativa, contribuindo para a divisão e composição das fachadas.

Platibanda: Faixa ou parede baixa localizada na parte superior da fachada, ocultando parcialmente o telhado. Pode apresentar elementos decorativos e é característica de diferentes períodos e estilos da arquitetura histórica.

Preservação: Conjunto de ações destinadas a manter e proteger um bem cultural, evitando sua deterioração, descaracterização ou perda de seus valores históricos, culturais, arquitetônicos e simbólicos.

Restauração: Intervenção realizada em um bem cultural com o objetivo de recuperar, revelar ou conservar suas características e valores, respeitando sua importância histórica e evitando alterações que comprometam sua autenticidade.

Taipa: Técnica construtiva tradicional que utiliza terra como principal material, compactada ou moldada para formar paredes e outros elementos da edificação. No Brasil, apresenta diferentes formas de execução, como a taipa de pilão, em que a terra é compactada em camadas dentro de formas, e a taipa de mão, também conhecida como pau a pique, em que a terra é aplicada sobre uma estrutura de madeira ou fibras. Foi amplamente utilizada na arquitetura colonial brasileira.

Tombamento: Instrumento legal de proteção do patrimônio cultural que reconhece determinado bem, conjunto ou área como portador de valor cultural e estabelece medidas para sua preservação. O tombamento impõe regras para intervenções e alterações que possam comprometer as características protegidas.



Por que proteger?

Documental

Mais do que visto, o patrimônio deve ser **tateado, experimentado, sentido, comunicado, pesquisado**. Sua **fruição** como tal trata-se de se deixar afetar.

Nesse sentido, este patrimônio é mais **simbólico** do que imaginário (Silgueiro, s/d).

Cosmovisão

Espacialidades

Imaginário

✨ VOCÊ SABIA? ✨

Que as legislações e normativas que regem o espaço do Centro Histórico de Cuiabá estão em diversas esferas:

- Lei nº 6.292, de 1975: Dispõe sobre o tombamento de bens no IPHAN
- Processo 1180-T-85: tombamento do Conjunto Arquitetônico Urbanístico e Paisagístico de Cuiabá/MT
- Instrução normativa do Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico da cidade de Cuiabá - MT (1994)
- Decreto no 3551/2000: Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial
- Lei Ordinária nº 11.323, de 2021, do Mato Grosso, proteção do patrimônio histórico, artístico e cultural a nível estadual

Caminhos para a percepção

Nossas ruas evidenciam marcas materiais de tempos passados que conservam lembranças, histórias e modos de viver que nem sempre são compreendidos pelos **inventários arquitetônicos**. Aqueles que **permanecem neste espaço constituem parte do patrimônio cultural**, desvelando que a cidade é constantemente gerada entre **pessoas e lugares**.

No projeto ALMA Cuiabá, incorporamos esse significado através da **Geografia do Cuidado e do Patrimônio Afetivo**, no sentido que os lugares devem ser compreendidos pelas **relações emocionais, simbólicas e afetivas, além dos atributos físicos, no vínculo entre pessoas e os espaços**. As experiências vividas e compartilhadas pela população formam esse **patrimônio afetivo**, que está em constante transformação e cria referências que conectam o presente ao passado (Oliveira e Ribeiro, 2019).

As **caminhadas** realizadas pelo Centro Histórico de Cuiabá permitiram **observar não apenas o estado de conservação dos imóveis**, mas também como os **espaços públicos são utilizados no dia a dia**. Foi possível perceber as **relações entre moradores, comerciantes e visitantes**, além das diferentes **formas de uso e apropriação do território**. A observação direta mostrou que, apesar dos **sinais de abandono**, este espaço continua sendo um **lugar cheio de significados**. Cada edifício, rua, praça e largo guarda histórias que reforçam a memória, a identidade e o sentimento de pertencimento, mostrando que o **patrimônio permanece vivo nas experiências de quem ali mora, trabalha ou circula**.

O **percurso a pé** pelo espaço surge como um convite **para a percepção da paisagem** como um exercício para identificar elementos, no sentido de que a observação direta pode evidenciar camadas para além do abandono, fortalecendo as formas de se **viver, apropriar e reconhecer esse território de memória e identidade da cidade**.

Aqui, a proposta é desenvolver uma nova perspectiva, não de quem visita o lugar pela primeira vez, mas de **quem já conhece esse território e convive com ele**, embora nem sempre compreenda tudo o que ele representa. Esse novo entendimento surge quando passamos **a perceber o lugar para além da sua aparência**, entendendo sua história, as formas como foi sendo **construído e transformado**, as **relações que acontecem nele**, as **políticas que influenciam sua organização e os elementos que compõem seu funcionamento e sua identidade**.

Para que isso aconteça, a **percepção consciente torna-se uma ferramenta importante para a preservação do patrimônio**, funcionando também como uma forma de **educação patrimonial**.



É por meio dela que se fortalecem **símbolos**, circulam **significados** e se reforça o **sentimento de pertencimento** (Florêncio, 2012)⁴. Além disso, a percepção contribui para transformar a maneira como enxergamos um lugar, já que cada pessoa atribui sentidos ao que observa com base em suas **próprias referências, experiências e objetivos** (Lynch, 1960).

A partir do que pode ser visto no espaço público, especialmente das edificações que formam a paisagem da área tombada, buscamos compreender os **elementos físicos que compõem esse território**. Esse olhar funciona como um convite para vivenciar o lugar de forma mais atenta, criando uma relação mais próxima entre as **pessoas e o patrimônio**. É nessa experiência que podem surgir novas formas de conhecer, perceber e se relacionar com esse espaço (Bellacasa, 2017).

Ao percorrer o núcleo originário, com suas ruas estreitas e sinuosas, casarios, sobrados, igrejas, largos e praças, é possível perceber como as construções, ora se integram, ora se destacam na paisagem, **com diferentes formas de morar e de se relacionar com a rua**.

Esse percurso revela diferentes aspectos da história e dos modos de vida da época em que foram construídas, permitindo que a leitura do espaço aconteça aos poucos, por meio das **descobertas** feitas ao longo do caminho (Lynch, 1960).

Essa análise se aprofunda quando voltamos a atenção para a arquitetura de cada edificação. **Observando as fachadas com mais cuidado**, percebemos detalhes que também contam histórias, mostrando diferentes formas de vivenciar este lugar.

ÁREA TOMBADA

Estilos Arquitetônicos

A arquitetura das construções que fazem parte da área tombada do Centro Histórico de Cuiabá muda conforme a época em que foram construídas, refletindo as **características de cada período** e se integrando ao espaço urbano onde estão inseridas. Em Cuiabá, há exemplos que vão do **século XVIII ao início do século XX**, com predominância de três estilos arquitetônicos: **colonial, neoclássico e eclético**.



“O conjunto das construções forma uma narrativa sobre o lugar, enquanto as alterações feitas ao longo do tempo revelam novas camadas da sua história e dos diferentes interesses que marcaram e ainda marcam esse território.”

Colonial



Essa tipologia construtiva do século XVIII é caracterizada por construções mais **simples e sóbrias**, com uso de **mão-de-obra de pessoas escravizadas**. A simplicidade e simetria das fachadas destacam-se como principais características, podendo ser **casas térreas e sobrados**, que devido à semelhança em suas fachadas davam um ar de “monotonia” na paisagem, reproduzindo a aparência portuguesa na colônia (Reis Filho, 1983). **As casas eram construídas alinhadas à frente e às divisas laterais dos lotes**, geralmente geminadas. Quando sobrados, o piso térreo era destinado à **função comercial e à parte superior residencial**. As técnicas construtivas mais utilizadas eram à **base de terra, como a taipa e o adobe**.



Antiga Assembleia Legislativa Provincial

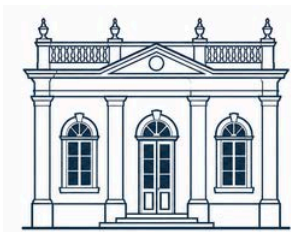


Sobrado Nhô Manduca

Os alicerces eram feitos de **pedra cristal**, enquanto os baldrames, largos e elevados, eram construídos com **pedra canga**. As fachadas se destacavam pelo predomínio das paredes sobre as aberturas, com **portas e janelas pequenas e estreitas**, criando um **ritmo visual** que se repetia entre as construções vizinhas. As portas e janelas possuíam batentes de madeira, que também ajudavam na sustentação da estrutura (Freire, 1997). Os telhados aparentes, de duas águas, tinham uma inclinação voltada para a rua e outra para o quintal, além de beirais mais longos para evitar que a água da chuva atingisse as paredes de barro, podendo apresentar, através da **eira e da beira**, o status das famílias (Silva, 2009).



Neoclássico



Devido às mudanças políticas e econômicas no Brasil, no final do século XVIII e início do século XIX, com a vinda da corte portuguesa, a presença da **Missão Artística Francesa e a fundação da Academia de Belas Artes** foram favorecidas as construções de maior refinamento inspirado nas **antigas ordens clássicas arquitetônicas da Roma e Grécia antigas**. Freire (1997) comenta que, na mesma época, houve a mudança da Capital da Província para Cuiabá, que inspirou a **construção de novos edifícios (públicos e privados) e espaços públicos** que refletissem a nova e prestigiosa função adotando o referido estilo.

É um estilo mais sóbrio, marcado pelo uso de **linhas ortogonais, formas regulares, geométricas e simétricas** caracterizadas por: **arcos, colunas, pilastras, platibandas com balaústres, frontões triangulares e detalhes decorativos, como frisos e cimalhas nas fachadas** (Silva, 2009). Os espaços internos eram organizados de forma simples, seguindo uma distribuição bem planejada e equilibrada. Há também a **introdução da platibanda** (prolongamento da parede da fachada que esconde o telhado) e **do vidro**, a ser utilizado em portas e janelas. Há também a introdução de **estátuas sobre as edificações**, como elementos de decoração nas fachadas. (Reis Filho, 1983).



Sede do Iphan



Casa Laraya (Palacete dos Presidentes)



Eclético



Próximo ao final do século XIX e início do século XX, ainda com base **neoclássica**, surge o **ecletismo das edificações** caracterizado pelo **excesso de ornamentos utilizados na decoração das fachadas**. Além das **influências gregas e romanas**, também teve outras adições de estilos como **Barroco, Arte Oriental, Art Déco e Art Nouveau**. Durante esse período, a **implantação das casas nos lotes** ganha nova configuração **marcada pelo afastamento que pode ser frontal e/ou lateral, jardins e maior elaboração das fachadas**, porém ainda coladas umas às outras. O **ferro** também foi amplamente utilizado como **elemento de segurança e estética** com gradis, portões e guarda-corpos (Reis Filho, 1983).

Com a chegada dos **imigrantes europeus, novas técnicas de construção e mão de obra** especializada passaram a ser utilizadas. Isso contribuiu para a reforma de muitas casas, comércios e prédios públicos, que ganharam **fachadas inspiradas no estilo eclético**, seguindo a moda da época (Freire, 1997).



Antiga Gráfica Pêpe - Foto: Alair Ribeiro



Casa Orlando



Elementos da paisagem e da edificação

No território estudado, percebe-se que não é apenas a estrutura das edificações que está em processo de **deterioração**. Os diferentes elementos que **compõem a paisagem também apresentam danos** que afetam tanto sua **materialidade quanto a forma como as pessoas vivenciam esse espaço**. Com isso, parte da história presente no Centro Histórico **vai se perdendo aos poucos**, correndo o risco de permanecer apenas nos registros e nas descrições, em vez de continuar **visível na própria paisagem**. Por isso, **identificar esses danos faz parte da leitura crítica do lugar**. A proposta desta análise é justamente **compreender o estado de conservação do conjunto como um todo**, considerando cada uma das categorias apresentadas, **mas sem perder de vista as relações que elas estabelecem entre si**.

Ao utilizar a percepção como forma de compreender a paisagem do Centro Histórico de Cuiabá, especialmente de seu conjunto tombado, torna-se necessário desenvolver um olhar que vá além da aparência das edificações.

É preciso **reconhecer a paisagem em sua dimensão histórica, material e simbólica**, entendendo cada construção tanto por suas características próprias quanto pelo papel que desempenha no **conjunto**. Assim, a **análise não se limita ao estado de conservação de um imóvel isolado**, mas busca entender como ele se relaciona com as demais edificações e de que maneira contribui para a **leitura e a identidade do conjunto histórico**.

Na leitura da paisagem, o patrimônio edificado funciona como **objeto de observação e afetação**, de modo que, quando provocado, **o olhar do observador ultrapassa o simples reconhecimento de seus elementos físicos e passa a atentar também para os símbolos e signos que produzem sentidos**. A seguir, apresentamos as categorias que constituem essa teia de elementos, a ser observada e (re)interpretada a partir da metodologia proposta pelo Projeto ALMA Cuiabá.



Elementos da paisagem

A escala: partimos da altura (gabarito) das edificações, compreendendo-a como elemento que demarca limites e contribui para a leitura hierárquica da paisagem. A manutenção dessa escala confere coerência ao conjunto e permite que construções como as igrejas se destaquem como referências espaciais, contribuindo para a orientação e localização no conjunto histórico.

O traçado: As ruas estreitas e sinuosas, condicionadas pela topografia do terreno, revelam gradualmente a paisagem que as conforma. Na experiência de caminhar, esse traçado imprime uma dinâmica que se aproxima da noção de “visão serial” (Cullen, 1961), na qual o percurso produz uma sucessão de quadros visuais, alternando entre aquilo que se apresenta “aqui” e “além”, fazendo com que a paisagem seja revelada progressivamente ao longo do percurso.

Os materiais construtivos: as primeiras construções utilizavam técnicas vernaculares, como a taipa de pilão e o adobe, que empregavam a terra como matéria-prima, além de alicerces em pedra canga. Atualmente, esses materiais podem ser observados expostos em edificações que ruíram ou apresentam elevado estado de deterioração no Centro Histórico.



Implantação no lote: na **ocupação colonial**, as construções eram feitas junto ao **alinhamento da rua**, seguindo as necessidades de segurança e as técnicas construtivas da época. Somente, a partir da década de 1930 é que surgiram **edifícios com recuo frontal**, podendo ser facilmente identificados quanto à sua temporalidade no conjunto do Centro Histórico, devido à justaposição de períodos que constitui o conjunto arquitetônico e urbanístico.

Esquadrias e vãos: **ritmo** criado pelas esquadrias das fachadas. Mais evidente nas edificações que permanecem bem preservadas, esse ritmo **aparece na repetição e nas proporções das portas e janelas**, definidas pelos materiais e pelas técnicas construtivas da época em que foram erguidas. Esses elementos **influenciam na forma como percebemos e vivenciamos o espaço**, inclusive corroborando com a sensação de segurança.

A cobertura: nas construções existentes no Centro Histórico, é comum encontrar **telhados de duas águas**, com a **cumeeira paralela à rua** e uma das águas voltada para o arruamento (Silgueiro, s/d). Em alguns casos, os **beirais são mais elaborados**, com eira, beira e tribeira, elementos que, além da função construtiva, também representavam **prestígio, poder e status social**.

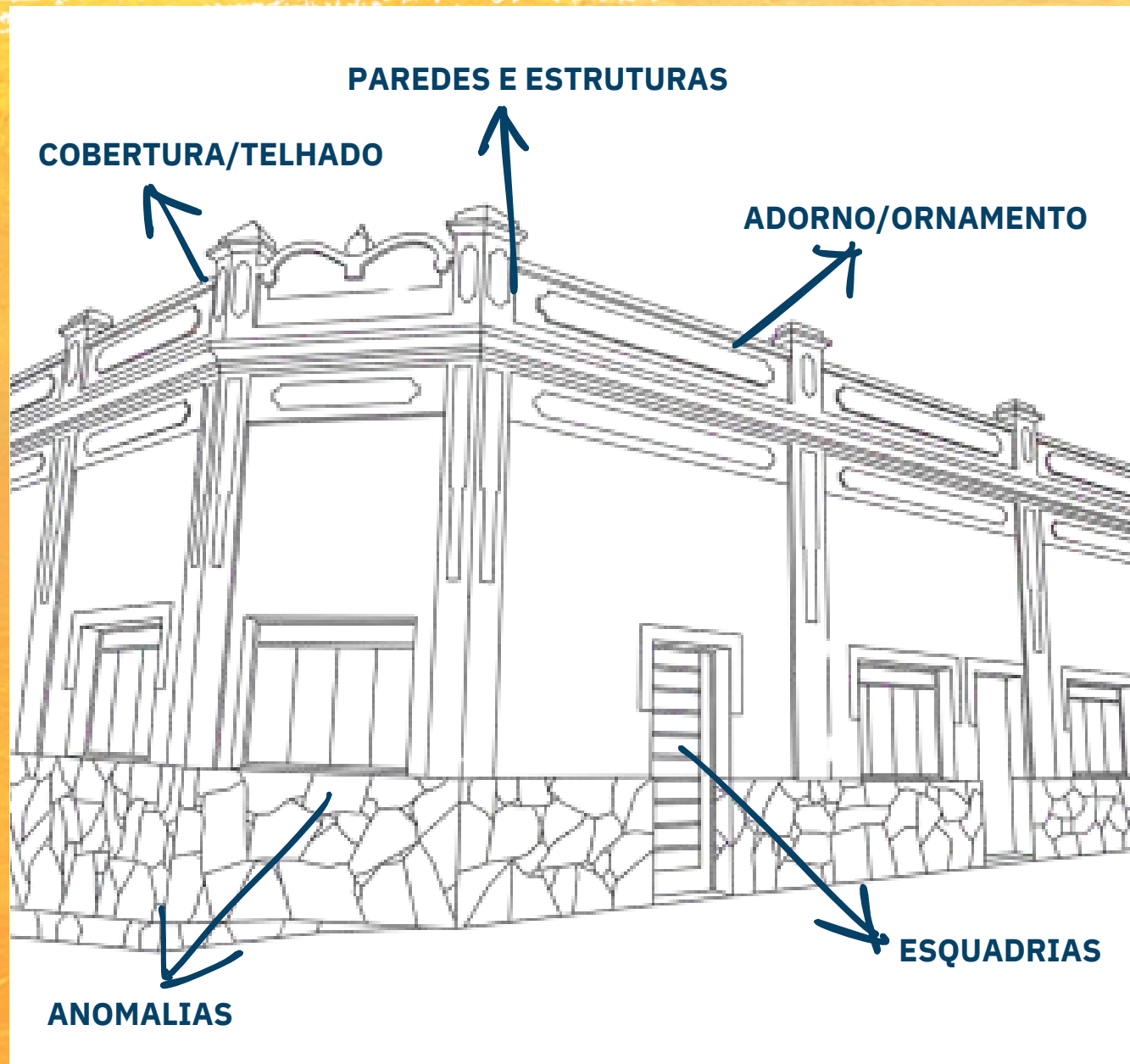


A paisagem constitui documento histórico em permanente construção.

Durante a pesquisa de campo, a metodologia foi sendo constantemente revisada e aperfeiçoada à medida que a análise avançava, permitindo que os elementos da paisagem e especificamente das edificações fossem compreendidos de forma integrada. Esse processo evidenciou que o estado de conservação e a integração ao conjunto histórico são aspectos distintos, mas intimamente relacionados e inseparáveis.



Elementos que compõem a fachada



Nos percursos realizados pela equipe do Projeto, o reconhecimento dos elementos e seus possíveis danos, desempenharam um papel importante na metodologia. Para além de realizar um levantamento técnico, ao observar **fissuras, sujeiras, deformações, platibandas descaracterizadas ou substituições inadequadas**, nos permite **compreender os processos que transformaram e ainda transformam o Centro Histórico ao longo do tempo**.



Marcas que vão além dos danos materiais. Revelam aspectos da história, das desigualdades sociais, da ausência de gestão integrada e das decisões que moldaram a paisagem urbana.

Ao **observar a fachada com atenção, registrar detalhes, fotografar diferentes ângulos e fazer anotações**, o pesquisador desenvolve um **olhar mais atento e sensível para o patrimônio**. Esse processo fortalece a **consciência patrimonial**, pois **transforma a análise em uma prática de cuidado**. Com isso, o pesquisador passa a **reconhecer as fragilidades do bem edificado** e a relacionar suas próprias experiências e memórias ao que observa.

Metodologia com ALMA



inspeção
predial

avaliação
visual

percepções
emocionais

A proposta metodológica construída pelo ALMA busca **integrar a análise das características físicas dos bens às diferentes percepções relacionadas aos valores, à memória e à identidade associados a esses lugares.**

Atualmente, o Brasil não dispõe de uma metodologia única para avaliar o estado de conservação dos bens patrimoniais. Embora existam **normas voltadas para edificações que oferecem importantes subsídios técnicos aos órgãos responsáveis**, elas **não contemplam plenamente as especificidades do patrimônio cultural.**

Nesse contexto, destacam-se as **cartas patrimoniais**, que orientam as **ações de conservação e restauração dos bens culturais**. Esses documentos funcionam como **referências teóricas e éticas** para profissionais e gestores públicos e, apesar de não terem força de lei, são amplamente reconhecidos como **importantes diretrizes para a preservação do patrimônio.**

Entre esses documentos, destaca-se a **Carta de Cracóvia (2000)**, que trata da conservação do patrimônio construído. Ela define a **conservação como o conjunto de ações desenvolvidas por uma comunidade para preservar seu patrimônio e seus monumentos, respeitando sua identidade e os valores a eles associados.** A Carta também ressalta o papel da comunidade na identificação, valorização e gestão desses bens.



Como esses valores se transformam ao longo do tempo, amplia-se também a **consciência sobre a importância da preservação e do significado que o patrimônio cultural possui para a sociedade.**

Diante da **inexistência de uma metodologia única para avaliar o estado de conservação e os danos em bens culturais**, os **critérios adotados nesta pesquisa foram definidos a partir das características do objeto de estudo.** Para isso, foram analisados documentos de referência, como a **Carta de Veneza (ICOMOS, 1964)**, o **Manual de Elaboração de Projetos de Preservação do Patrimônio Cultural (Programa Monumenta, 2005)**, o **Guia de Metodologia de Intervenção de Imóveis Históricos (Correios, 2024)**, o **Modelo de Laudo Técnico do Estado de Conservação dos Bens Protegidos (IEPHA, 2023)**, além das normas **ABNT NBR 5674:2012, NBR 15575:2013 e NBR 16747:2020.** A partir desse conjunto de referências, foi estruturada uma **metodologia que articula a compreensão histórica do patrimônio com a análise das condições físicas das fachadas das edificações.**

Além dos **aspectos técnicos** usados para analisar o estado de conservação das edificações, é importante **considerar outras dimensões** que podem revelar informações nem sempre presentes em guias ou modelos de avaliação. Neste projeto, entendemos que a **relação afetiva das pessoas com o CAUP do Centro Histórico de Cuiabá** também pode indicar como esses lugares são apropriados, cuidados e preservados.

Quando um lugar não desperta interesse ou sentimento de pertencimento — sem desconsiderar os fatores sociais e econômicos envolvidos — é comum encontrar situações de abandono, descuido e deterioração. É a interação entre a pessoa e o espaço que permite a construção de experiências, positivas ou negativas.

Por isso, para considerar a **dimensão afetiva do patrimônio**, a metodologia também levou em conta as percepções dos pesquisadores durante o trabalho de campo, buscando compreender os significados que emergem dessa relação e como o território é percebido a partir das provocações propostas pela própria metodologia.

Partimos do princípio de que a preservação do patrimônio não depende apenas da atuação de especialistas, mas também da **participação das pessoas que vivem a cidade no dia a dia**.

Com orientações sobre o que observar, qualquer pessoa pode identificar mudanças, sinais de degradação e transformações nos imóveis. Dessa forma, a análise do estado de conservação reúne critérios técnicos, percepção sensível e a dimensão afetiva da relação com o patrimônio.

A partir da consulta aos documentos anteriormente citados e tendo como premissa a **construção de uma metodologia sensível**, com a percepção como elemento central, foi elaborada uma **tabela própria de classificação de danos**, destinada à atribuição de notas aos elementos que constituem as fachadas: como **paredes/estruturas, esquadrias, cobertura e ornamentos**, bem como à caracterização de possíveis **anomalias**. Também a relação com o **conjunto histórico**, permitindo ampliar a avaliação ao incorporar **registros da paisagem** em maior amplitude.

Tabela de Classificação de Danos

Definições	Caracterização	Pontuação
BOM dano leve	Bem encontra-se íntegro, danos não comprometem suas qualidades físicas ou estéticas. Necessita de reparos de manutenção e limpeza.	10 - 8
REGULAR dano moderado	Imóvel possui problemas que não comprometem sua integridade, mas que degradam suas qualidades físicas e/ou estéticas, podendo levar a perda de suas características. Necessário reparo/recuperação pontual.	7 - 5
RUIM dano intenso	Materiais que o compõem a parte vistoriada se encontram demasiado danificados, sendo necessária consolidação ou restauração.	4 - 1
PÉSSIMO dano irreversível	O bem sofreu danos/descaracterizações irreversíveis.	0

A partir do **preenchimento de formulário criado para o levantamento de campo**, os dados foram coletados por meio de **registros fotográficos das fachadas, identificando seus elementos, possíveis anomalias, além da data, endereço e coordenadas geográficas**. Também foram feitos **registros escritos na descrição do entorno e das percepções** dos pesquisadores sobre o ambiente, assim como as **emoções despertadas durante o contato com as edificações**.

As caminhadas e o trechos foram separados por duplas para que fossem

feitos os levantamentos das fachadas como um **convite para observar atentamente os detalhes e nuances de cada imóvel**, promovendo o **diálogo** entre a equipe, **desacelerando** e registrando com atenção e cuidado durante a permanência naqueles espaços.



PASSO 1: Registro Fotográfico (Timestamp)



PASSO 2: Inserção de dados coletados do imóvel



PASSO 3: Compartilhamento de percepções emocionais

Somando os pontos

1 Estado de conservação da fachada

Paredes e estruturas	peso 3
Esquadrias	peso 2
Cobertura	peso 1
Adornos e ornamentos	peso 1

2 Impacto na paisagem

Conjunto histórico	peso 3 - ponderado com o estado de conservação
--------------------	--

O resultado permite classificar a conservação da fachada e seu impacto na paisagem.

Paralelamente, as percepções registradas possibilitam identificar as experiências afetivas despertadas durante o levantamento, contribuindo para a construção de uma cartografia de percepções e sentimentos. Essas informações foram organizadas na plataforma Google My Maps, que permite reunir textos, imagens e outros conteúdos georreferenciados, dando origem a uma espécie de geografia emocional da área tombada.

Acesse o nosso site para saber mais.

Exemplos gerais

PAREDES E ESTRUTURAS: danos reconhecidos -

Desgaste de Pintura, Instalação aparente (elétrica, hidráulica, ar condicionado), Descoloração de Pintura, Inserção de Elementos - **NOTA 10**

ESQUADRIAS: danos reconhecidos -

Desgaste de madeira, Desprendimento de pintura, Trinca/fissuras - **NOTA 7**

COBERTURA/ TELHADO: observação pontuada -

Devido a altura do edifício e a rua estreita não foi possível visualizar de maneira satisfatória - **NOTA NÃO APLICADA**

ADORNO/ORNAMENTO: reconhecimento da existência - Sim, com presença de trincas. Caso tenha identificado e registrado, dê uma nota para o estado de conservação de acordo com a classificação da tabela: - **NOTA 7**

CONJUNTO HISTÓRICO: observação pontuada - A fechadura que não é do período colonial mas representa uma cuiaba antiga: - **NOTA 10**

Nota Final do Estado de Conservação da Fachada = 8,50

Nota Final do Índice de Impacto na Paisagem = 9



SATISFAÇÃO

Bom (dano leve)

PAREDES E ESTRUTURAS: danos reconhecidos - Desgaste de Pintura, Instalação aparente (elétrica, hidráulica, ar condicionado), Mancha / Escurecimento, Inserção de Elementos - **NOTA 7**

ESQUADRIAS: danos reconhecidos - Desprendimento de pintura, Vidro quebrado/trincado/lacunas, Oxidação/enferrujamento - **NOTA 6**

COBERTURA/TELHADO: observação pontuada - Devido à platibanda não foi possível visualizar - **NOTA NÃO APLICADA**

ADORNO/ORNAMENTO: reconhecimento da existência - Sim, com desgaste de pintura. Caso tenha identificado e registrado, dê uma nota para o estado de conservação de acordo com a classificação da tabela: - **NOTA 7**

CONJUNTO HISTÓRICO: sem demais observações - **NOTA 8**

Nota Final do Estado de Conservação da Fachada = 6,67

Nota Final do Índice de Impacto na Paisagem = 7,11



Regular (dano moderado)

NOSTALGIA

PAREDES E ESTRUTURAS: danos reconhecidos - Desgaste de Pintura, Desprendimento de material, Infiltração, Mancha / Escurecimento, Sujidade, Pixação, Umidade, Descoloração de Pintura - **NOTA 1**

ESQUADRIAS: danos reconhecidos - Desprendimento de pintura, Manchas, Mecanismo de abertura danificado, Perfuração, Trecho quebrado, Pichação, Oxidação/enferrujamento - **NOTA 2**

COBERTURA/TELHADO: observação potuada - Devido à platibanda não foi possível visualizar - **NOTA NÃO APLICADA**

ADORNO/ORNAMENTO: reconhecimento da existência - Sim, presentes em parte preservada da fachada. Caso tenha identificado e registrado, dê uma nota para o estado de conservação de acordo com a classificação da tabela: - **NOTA 2**

CONJUNTO HISTÓRICO: sem demais observações - **NOTA 2**



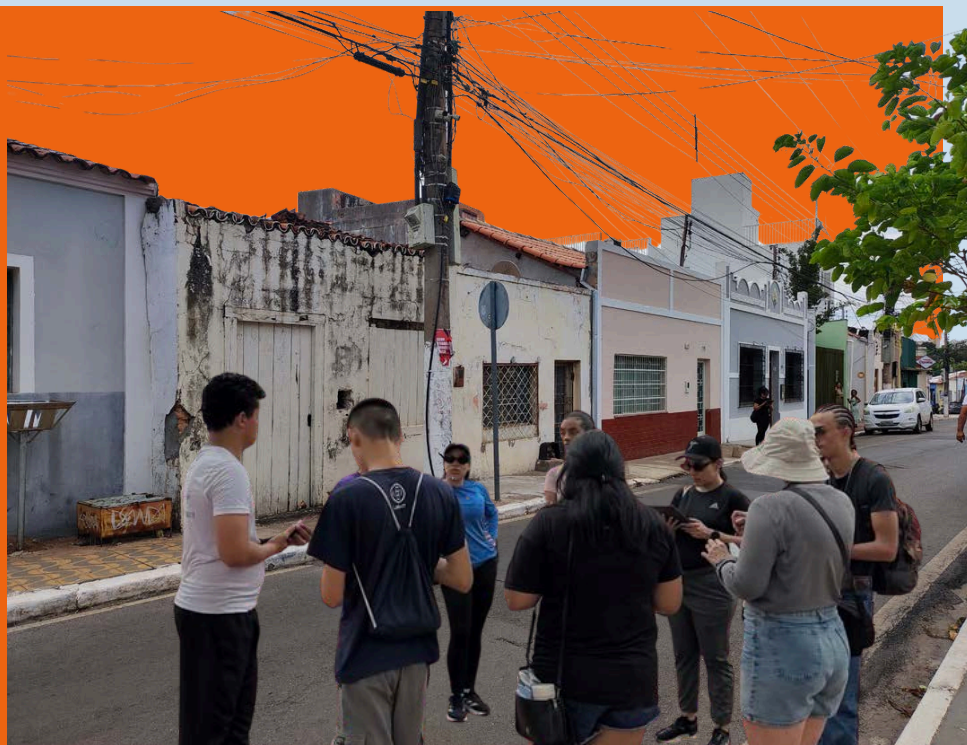
ABANDONO

Nota Final do Estado de Conservação da Fachada = 1,50

Nota Final do Índice de Impacto na Paisagem = 1,67

Ruim (dano intenso)

Novas formas de ler a paisagem



Os **trabalhos de campo** possibilitaram o **ajuste da metodologia a partir da prática**. As **observações da equipe**, permitiram compreender melhor tanto a **paisagem urbana** quanto os **limites e o potencial do nosso próprio método**.

Uma das principais conclusões do trabalho mostra que **a percepção da paisagem ganha força quando partimo do detalhe para o todo - analisando cada fragmento para, em seguida conectá-los**. Na prática, embora a investigação tenha focado em trechos específicos das fachadas, os levantamentos deixaram claro que essa **leitura não acontece de forma isolada**. Até a atribuição das notas refletiu essa dinâmica: **a avaliação dos danos dependia diretamente da forma como cada elemento dialogava com o restante do conjunto**.

Outro ponto central foi reconhecer como a **subjetividade atravessa o ato de perceber**. Mesmo com critérios bem definidos para a classificação, **cada pesquisador acabou trazendo suas próprias experiências e bagagem cultural** — referências que, vale notar, iam se lapidando durante o próprio campo. Afinal, **documentar também é educar o olhar**: observar, registrar e refletir sobre o espaço ajudou a moldar a forma como a própria equipe enxergava o ambiente. Ainda assim, essa margem de subjetividade não comprometeu a precisão na identificação dos danos físicos. Curiosamente, muitos imóveis degradados despertaram reações positivas ou neutras, mostrando que o **apego emocional nem sempre anda lado a lado com o bom estado de conservação do prédio**. Percebeu-se, ainda, que os sentimentos de neutralidade funcionavam como uma ponte entre as impressões positivas e negativas, confirmando que **a experiência da paisagem se dá de forma fluida e gradual, e não de maneira rígida**.



Por fim, os dados mostraram que o **estado de conservação de um imóvel e sua integração ao conjunto histórico são coisas distintas**, embora indissociáveis na análise. Algumas edificações estavam em ótimas condições físicas, mas haviam sido tão descaracterizadas que pouco somavam à identidade histórica do local. Em contrapartida, **prédios mal conservados ainda preservavam traços arquitetônicos valiosos que enriqueciam a leitura da paisagem urbana**. Foi justamente essa constatação que motivou a **criação do Índice de Impacto na Paisagem**, uma ferramenta projetada para cruzar essas duas variáveis e entregar uma avaliação muito mais completa e precisa.



A percepção que temos de um imóvel depende diretamente do contexto ao redor: o estado dos imóveis vizinhos, a harmonia das fachadas, a largura da rua, a arborização e a dinâmica do dia a dia. Por isso, a impressão registrada na pesquisa reflete muito mais o clima geral do conjunto urbano do que as características de um prédio isolado.

Outro resultado importante foi a **relação entre ocupação e conservação**. De modo geral, **os imóveis ocupados apresentaram melhores condições de preservação do que aqueles desocupados**. Por outro lado, o **uso comercial apareceu como um dos principais fatores de adulteração das fachadas**, especialmente nos **pavimentos térreos, onde vitrines, placas, toldos e novas esquadrias modificaram significativamente a arquitetura original**. Esses elementos também tornaram difícil o registro fotográfico, quanto a identificação de alguns danos durante os levantamentos.

Enquanto fazíamos os levantamentos, outros elementos passaram a ser percebidos e analisados com mais atenção, **como o beiral, que substituiu a avaliação do telhado por ser a parte efetivamente visível da rua**. Nos imóveis de esquina, tornou-se **necessário analisar separadamente cada face**, pois a relação que elas estabelecem com suas respectivas vias é diferente. Além disso, observou-se que as classificações qualitativas — como bom, regular, ruim e péssimo — **apresentaram maior consistência entre os avaliadores do que as notas numéricas, revelando-se um parâmetro mais seguro e consistente para interpretação dos resultados**.

Ao mesmo tempo, a **pesquisa revelou os limites da análise visual**. Alguns **problemas construtivos não eram perceptíveis durante o levantamento e só foram identificados depois por meio de inspeções técnicas, dados de aerolevantamentos produzidos com geotecnologias ou, em casos mais severos, após o próprio agravamento do estado da edificação**.

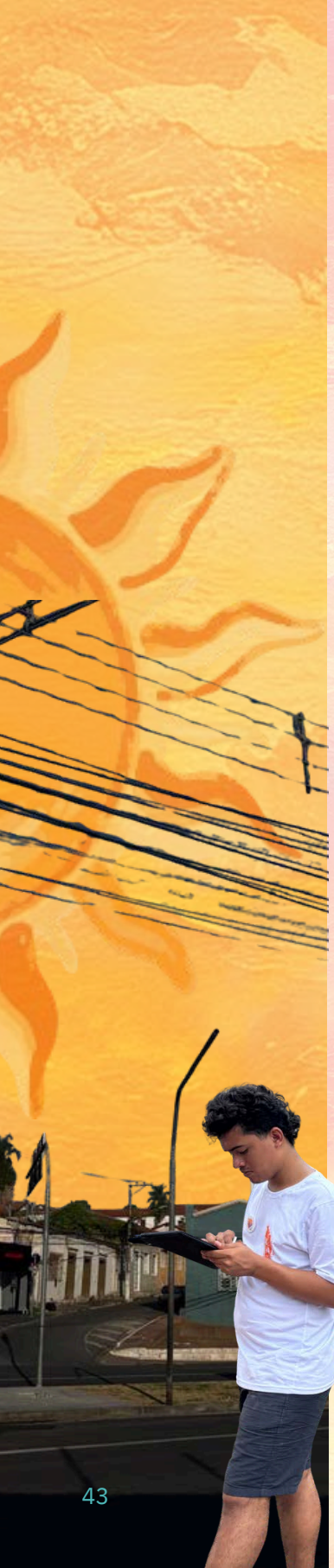


Dessa forma, a **metodologia proposta não pretende substituir diagnósticos especializados**, mas oferecer um **panorama das condições aparentes das fachadas e contribuir para a definição de prioridades de conservação e futuras intervenções**.

Por fim, a **comparação entre os levantamentos atuais e os registros históricos do SIG Cuiabá reforça o valor da documentação sistemática como ferramenta de gestão do Centro Histórico**.

O contraste das imagens evidencia transformações marcantes nas últimas décadas — desde o **avanço do esvaziamento imobiliário e a menor circulação de pedestres até as mudanças no perfil comercial**. Em suma, esses registros comprovam que a **paisagem urbana é um documento histórico dinâmico** que, articulado à análise técnica e ao olhar atento dos pesquisadores, reflete com precisão o ritmo do tempo e das dinâmicas da cidade.





Esse modelo de registro trouxe um reflexo direto na classificação final dos imóveis. Como o estado geral de conservação deriva da média ponderada de vários quesitos, **uma fachada com um elemento em situação irrecuperável pode não receber a nota global “péssima”**, desde que seus outros componentes apresentem algum nível de preservação. **Longe de ignorar os danos severos, essa abordagem traduz como a degradação pontual coexiste com diferentes níveis de permanência na mesma estrutura.**

É justamente aí que se valida a escolha por fragmentar a fachada para, depois, recompor a sua leitura. **Ao focar no detalhe de cada componente, o método traz à tona pequenas resistências e vestígios originais que uma avaliação puramente panorâmica deixaria passar.** Assim, mesmo frente à ruína ou à degradação severa, o levantamento resgata aquilo que ainda resiste — e que, com intervenções adequadas, guarda o potencial de continuar contando a história da edificação e do próprio conjunto urbano.

Vale destacar que o **formulário é apenas uma ferramenta metodológica, e não o método em si.** Criado para **orientar o observador e estimular a conscientização do olhar**, o instrumento integra um percurso mais amplo, **fundamentado no aprendizado contínuo com a realidade do campo.** Trata-se, portanto, de ir além do simples preenchimento de dados: o ato de registrar atua como um processo contínuo de aprendizado, onde o espaço observado molda e reorienta o próprio olhar do pesquisador.



Nesse percurso, destaca-se o papel da **equipe multidisciplinar**, cujo alinhamento contínuo gerou uma forma compartilhada de enxergar o território. As discussões, os testes e o confronto de percepções no campo permitiram que o grupo **simultaneamente orientasse e aprendesse com o processo — um exercício participativo em que as ferramentas eram lapidadas ao mesmo tempo em que a própria sensibilidade dos pesquisadores se transformava.**

Diante da experiência no Centro Histórico, a **metodologia atua na articulação do que se apresenta em segmentos**. É nesse movimento de decompor para recompor que reside sua maior contribuição: **permitir que fragmentos isolados voltem a se conectar, revelando a paisagem histórica em sua totalidade.**

Mais do que classificar, **a proposta estabelece um modo de se posicionar frente ao patrimônio.** Se o formulário viabiliza esse encontro, é o percurso — feito de **trocias, revisões e aprendizado prático** — que converte o registro em experiência e a experiência em diagnóstico. Nesse processo, **conduzir o olhar também significa aprender a olhar, e é justamente nessa relação entre orientar e aprender, entre sistematizar e permanecer aberto ao que se revela, que se constitui a possibilidade de um diagnóstico sensível.**

Dessa maneira, a metodologia buscou equilibrar dois movimentos complementares: **de um lado, a necessidade de critérios e procedimentos padronizados para gerar dados comparáveis sobre o estado de conservação; de outro, a abertura para registrar experiências, narrativas e imprevistos que uma classificação rígida jamais conseguiria antecipar.**

Apresentamos, assim, uma **forma de ler a paisagem que funciona como um verdadeiro dispositivo metodológico — capaz de orientar o olhar, registrar a vivência e produzir uma documentação consistente.** Ao guiar o pesquisador da análise dos detalhes até a visão do conjunto, o **instrumento conseguiu aproximar o rigor técnico da experiência real e concreta do lugar.**

Essa flexibilidade definiu a própria unidade de registro. Considerando que a área tombada possui cerca de 400 imóveis, **partir de uma metodologia orientada pela percepção significou reconhecer que as fachadas nem sempre se apresentavam ao observador como uma unidade única.**

As intervenções do comércio, por exemplo, muitas vezes retalham visualmente o mesmo prédio, fazendo com que a **continuidade histórica** do imóvel só possa ser **reconhecida por detalhes resistentes**, como a platibanda ou os adornos do beiral.

Diante disso, **cada fragmento de fachada que se apresentava como uma unidade visualmente diferente recebeu seu próprio levantamento.** Essa escolha permitiu mostrar as diferenças entre partes que faziam parte de um mesmo imóvel e revelou situações que poderiam passar despercebidas caso a fachada fosse considerada como uma imóvel só. Como resultado, embora a **área tombada reúna cerca de 400 imóveis, foram realizados cerca de 600 levantamentos (1 para cada fragmento de fachada reconhecido)**, incluindo também aqueles localizados em ruas diferentes, como citado antes.

Entende-se, portanto, que a **divisão da fachada em categorias de análise — paredes e estruturas aparentes, esquadrias, cobertura e ornamentos — viabiliza um exame minucioso do seu estado de conservação**, permitindo destrinchar a condição de cada componente antes de reintegrá-lo na leitura do conjunto. Da mesma forma, **adotar cada fragmento visível como unidade de registro produz dados que, quando articulados, fundamentam uma interpretação mais precisa do imóvel.** Reafirma-se, assim, a premissa de que a investigação rigorosa das partes é o caminho para uma compreensão mais atenta, justa e realista do todo.

fragmentos de fachada





É nessa **articulação** entre **observação, percepção e sistematização** que se estabelece a possibilidade de construir um diagnóstico mais atento às condições encontradas no **Centro Histórico de Cuiabá**. Os **índices e parâmetros resultantes** dessa avaliação configuram-se como **valiosos instrumentos de documentação, síntese e comparabilidade, sendo fruto de um contínuo percurso de imersão no território**. Assim, o mapeamento do estado de conservação vai além da simples atribuição de notas: **trata-se de um meio de dar visibilidade às múltiplas condições, permanências e dinâmicas que moldam a paisagem histórica**. Como um dos resultados, possibilitando o maior detalhamento do que foi apreendido, apresentamos as:

Cartografias-síntese do estado de conservação da fachada e suas categorias

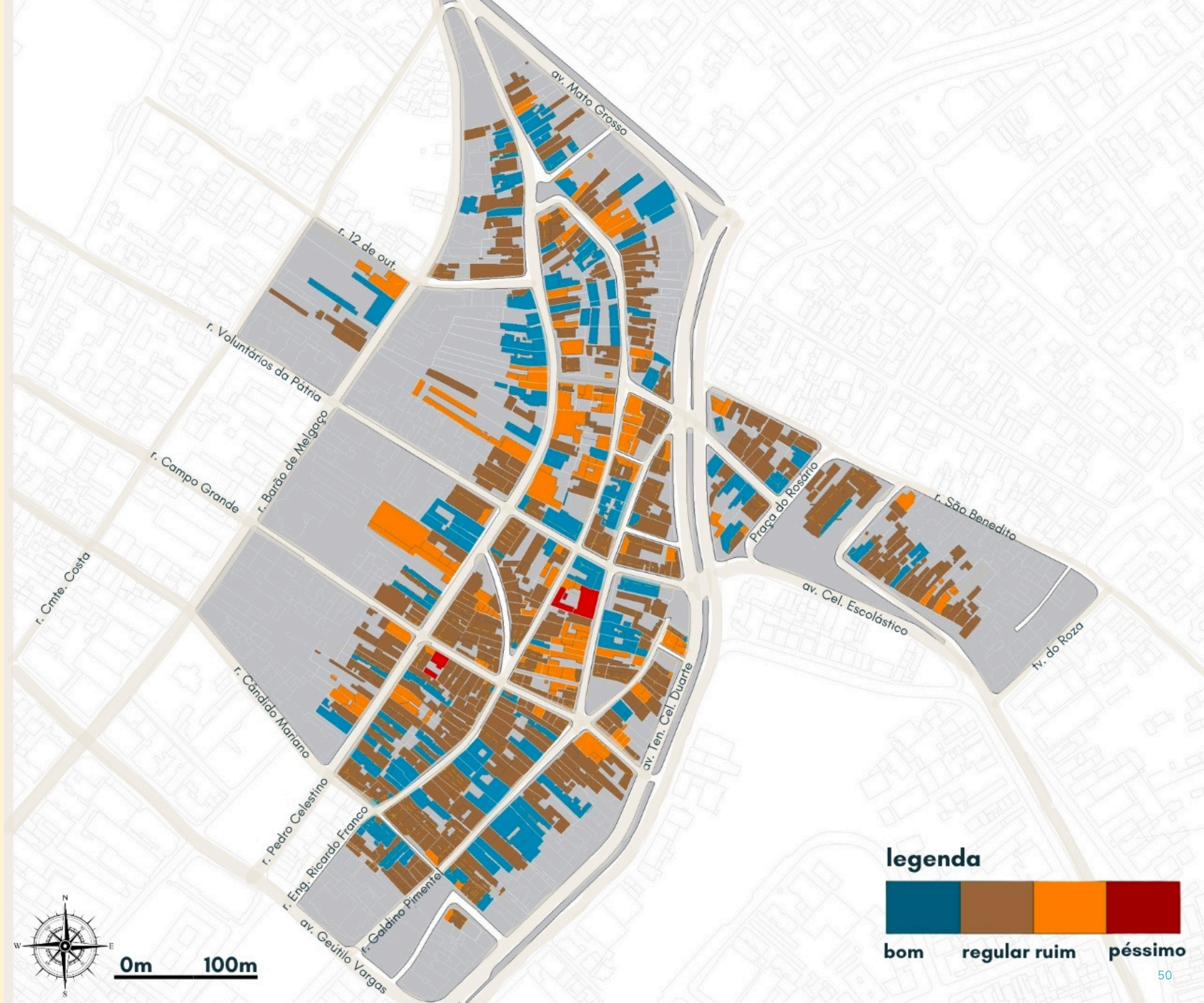
PAREDES E ESTRUTURAS APARENTES

Os principais danos encontrados nesta categoria estão ligados a **desprendimento de material, descoloração e desgaste da pintura, manchas e escurecimento, além de trincas, fissuras e rachaduras**. Em alguns casos, essas manifestações mostraram-se associadas à **presença de infiltrações**, que também podem contribuir para o agravamento de processos de deterioração. Além desses danos, destacamos também a **inserção de outros elementos sobre as paredes e estruturas aparentes das fachadas, como emplacements, adereços, gradis e outras sobreposições, que também interferem em sua leitura**.

As paredes e estruturas classificadas como **ruins** corresponderam, sobretudo, àquelas que apresentavam trincas com orientação próxima a 45°, cuja espessura, extensão e prolongamento, a depender das características observadas, indicavam a necessidade de verificação e, em determinados casos, de intervenção ou contenção. Entre outros motivos desta classificação, destacaram-se situações de infiltração ou umidade em caráter mais disseminado, igualmente indicativas de processos de deterioração com potencial de comprometimento significativo.

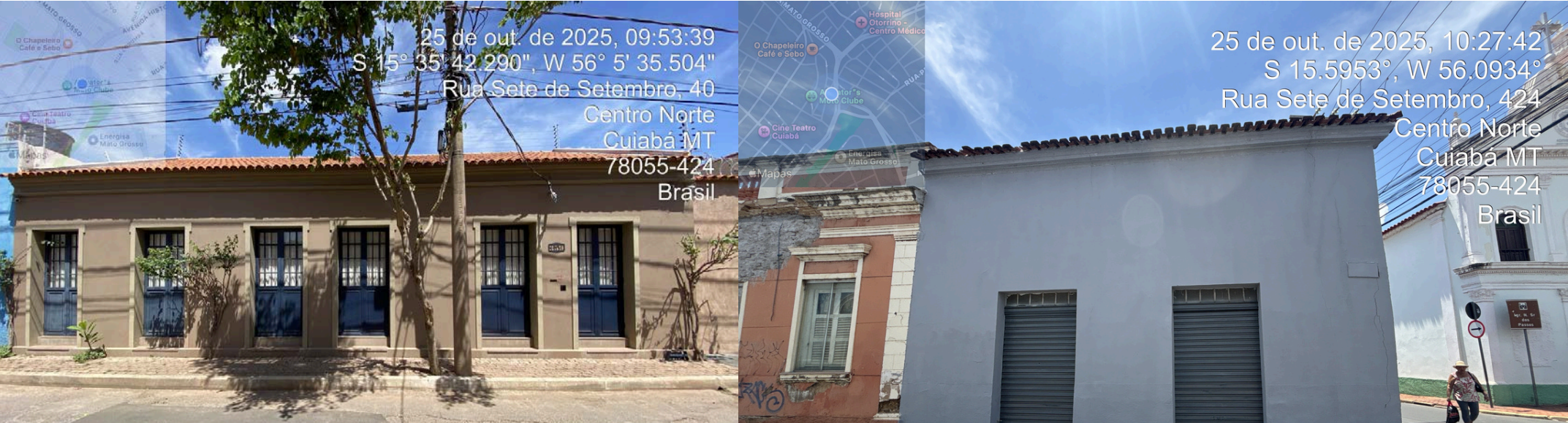
As classificadas como **péssimas** correspondiam principalmente às edificações que já apresentavam escoramentos, evidenciando situações nas quais o processo de deterioração havia alcançado um estágio mais avançado e, em alguns casos, já se aproximava ou configurava situações de ruína.

Por outro lado, as classificações **regulares** e **boas** concentraram-se principalmente no início dos calçadões Eng. Ricardo Franco e Eng. Galdino Pimentel, trechos consideravelmente ocupados por atividades comerciais que, durante os levantamentos, apresentaram condições de manutenção avaliadas como satisfatórias. De maneira semelhante, a primeira quadra voltada para a Praça da Mandioca, caracterizada pelo uso misto, com predominância residencial, também apresentou um conjunto de unidades em melhor estado de conservação, sem ocorrências classificadas como ruins ou péssimas.



PAREDES E ESTRUTURAS APARENTES

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM

REGULAR



RUIM

PÉSSIMO

Dados a partir da percepção registrada:

Um resultado particularmente significativo surgiu quando se observou que **algumas fachadas receberam avaliações negativas mesmo sem a presença de danos que justificassem, pela classificação objetiva dos elementos, uma condição tão desfavorável.** Esse resultado chamou atenção justamente porque mostrou que **a percepção não é completamente determinada pela presença objetiva de manifestações de deterioração.** Mesmo diante de um instrumento construído para conduzir o olhar de maneira mais sistemática, **permanecem referências e expectativas previamente associadas ao Centro Histórico que podem influenciar a avaliação.**

Essa ocorrência reforça a própria hipótese central do estudo: **os discursos de abandono e degradação não estão apenas presentes no território, mas também influenciam da maneira como ele é percebido.** A estigmatização, portanto, deve ser entendida como parte da experiência do lugar e como um aspecto a ser reconhecido e analisado, e não simplesmente eliminado da pesquisa em busca de uma suposta objetividade.

Nesse sentido, a **revisão técnica dos registros foi importante** para colocar as **percepções em diálogo com critérios de análise**, sem desconsiderá-las como dados relevantes da experiência em campo. Os resultados apresentados na cartografia-síntese e nas imagens de referência para cada classificação do estado de conservação são, portanto, fruto dessa revisão e das ponderações realizadas pela equipe.

Ao mesmo tempo, os registros produzidos pela equipe multidisciplinar demonstraram grande potencial, especialmente por evidenciarem diferentes formas de perceber o território. A experiência mostrou que o formulário é capaz de orientar e provocar o olhar, mas também revelou a presença de estigmas e referências que podem influenciar a percepção antes mesmo de serem conscientemente identificados. Reconhecer e tensionar essas referências exige uma abertura contínua à experiência do lugar, baseada no interesse em conhecê-lo, reconhecê-lo e, sobretudo, **cuidar dele.**

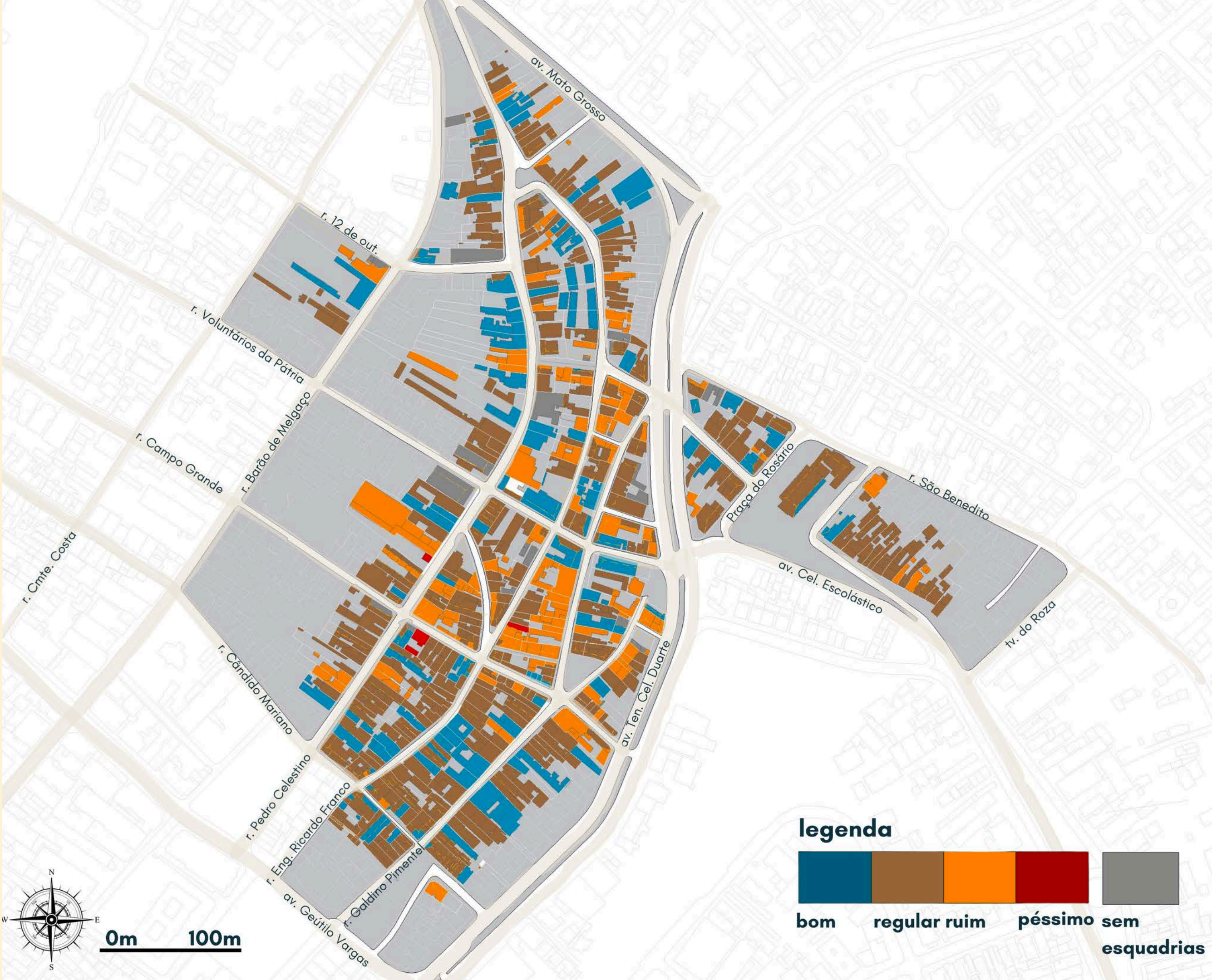
ESQUADRIAS

Os principais danos encontrados nesta categoria referem-se a **desgaste de madeira, oxidação/enferrujamento, vidro trincado/quebrado, desprendimento de pintura e mecanismo de abertura danificado**. Essas manifestações evidenciam, além dos danos, a diversidade material presente nas esquadrias da área analisada. Chama atenção, ainda, a quantidade de fachadas sem esquadrias, em sua maioria fechadas por alvenaria, bloqueando acessos e evidenciando situações de desuso e abandono.

As esquadrias classificadas como **ruins** corresponderam, sobretudo, àquelas que apresentavam nível de desgaste comprometedor da funcionalidade.

As classificadas como **péssimas** corresponderam, principalmente, às esquadrias com estrutura e/ou portal degradados ou corroídos, que apresentavam fechamentos improvisados ou escoramentos e já não cumpriam adequadamente sua função de fechamento dos vãos. Como resultado do levantamento, observou-se que os imóveis cujas esquadrias foram classificadas como péssimas encontravam-se desocupados, reforçando a relação entre a precariedade desses elementos e a condição de desuso ou abandono das edificações.

Assim como na categoria de paredes e estruturas aparentes, as classificações **regulares** e **boas** estão concentradas principalmente no início dos calçadões Eng. Ricardo Franco e Eng. Galdino Pimentel e na primeira quadra voltada para a Praça da Mandioca. O que há de comum nestes trechos/quadras é a predominância de imóveis ocupados que, independente do uso, demonstraram movimento de pessoas durante os levantamentos.



legenda



bom regular ruim péssimo sem esquadrias

ESQUADRIAS

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM



RUIM



REGULAR



PÉSSIMO

Dados a partir da percepção registrada:

Embora tenham sido identificados danos como desgaste da madeira, entre outros, a manifestação **mais frequente** nas portas e janelas foi a **oxidação/enferrujamento**. Esse resultado ajuda a mostrar uma **característica bastante presente atualmente na área tombada: o uso comercial** de muitos imóveis. Nesse contexto, as tradicionais **esquadrias de madeira** foram, em vários casos, **substituídas por vitrines**, vãos mais altos e largos e outras soluções voltadas à exposição de produtos, ao acesso e à segurança dos estabelecimentos. Assim, as mudanças nas esquadrias não representam apenas uma troca de materiais, mas também **refletem as transformações nas formas de uso e apropriação das edificações**.

A presença de gradis e vidros sobrepostos às esquadrias também apareceu com frequência nas anotações de campo e era facilmente percebida nas fachadas, principalmente pela repetição desses elementos. Em alguns imóveis, **as esquadrias quebradas deixavam frestas que permitiam observar o interior**, revelando paredes espessas, pisos cerâmicos característicos do século XX e outros elementos construtivos. Nos casos de maior degradação, essas aberturas também permitiam ver telhados e forros desabados sobre o piso, tornando visível, a partir da rua, parte das condições internas das edificações.

Nos trechos onde predominava o uso residencial, a relação entre as esquadrias e a rua apresentava outra dinâmica. **Algumas janelas permaneciam diretamente voltadas para o espaço público e ainda faziam parte do cotidiano dos moradores, que se apoiavam nelas para observar a rua e conversar com quem passava.** Nesses casos, a esquadria deixava de ser apenas um elemento de fechamento e passava a participar da relação cotidiana entre o interior da casa e o espaço público.

As esquadrias também foram um dos elementos que mais influenciaram a nota atribuída à relação da edificação com o conjunto histórico. Mais do que seu estado de conservação, a manutenção do ritmo e da proporção dos vãos mostrou-se importante para essa percepção. Vãos muito alterados, principalmente quando foram alargados ou modificados, receberam notas mais baixas. Por outro lado, **esquadrias que ainda mantinham características próximas das originais**, mesmo quando apresentavam algum grau de deterioração, **contribuíram para preservar a continuidade arquitetônica e fortalecer a relação da edificação com o conjunto e com a paisagem histórica.**

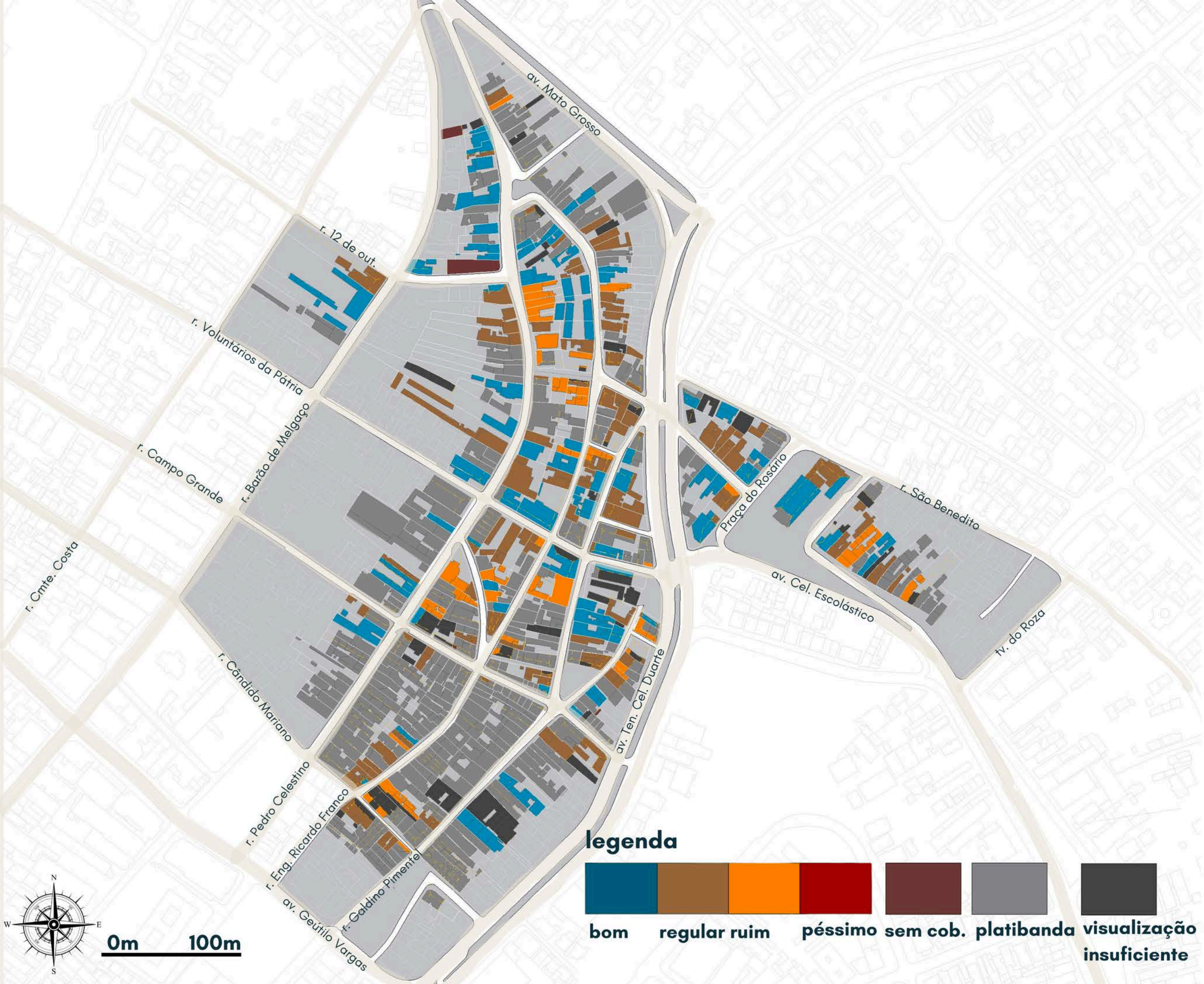
COBERTURA/TELHADO

Os principais danos encontrados nesta categoria referem-se a **telhas quebradas/soltas, madeiramento danificado, sobreposição de materiais e infiltração**. Conforme exposto neste caderno, esta foi a categoria que apresentou os maiores desafios de análise. A partir do nível da rua, por vezes, a visualização da cobertura não era suficiente para uma avaliação segura e, para evitar pré-concepções acerca de sua condição, adotou-se a classificação “visualização insuficiente”. Além disso, a diversidade de estilos arquitetônicos resultou em uma expressiva quantidade de imóveis com platibandas, o que permitiu criar também uma categoria específica para registrar a ocorrência e a concentração dessa solução arquitetônica, não necessariamente vinculada à atribuição de uma nota ao seu estado de conservação. Houveram, ainda, os imóveis sem cobertura.

As coberturas classificadas como **ruins** corresponderam, sobretudo, àquelas que apresentavam largas frestas e trechos consideráveis quebrados, demonstrando comprometimento de sua função de proteção e expondo a edificação à ação das intempéries, com consequentes riscos à sua integridade.

Não houve coberturas classificadas como **péssimas** no levantamento. Entretanto, considera-se que, caso a análise pudesse ter sido realizada também no interior dos imóveis, essa classificação poderia eventualmente ter sido identificada, uma vez que o distanciamento e as limitações de visualização a partir da rua podem impedir a apreensão de características mais precisas acerca das condições da cobertura.

A classificação **regular** não apresentou concentração específica, correspondendo à maioria dos imóveis nos quais o telhado se encontrava visível e aparente. A classificação **boa**, embora também distribuída pelo território, apresentou concentração considerável nas proximidades da Praça da Mandioca. Esse trecho destacou-se ainda pela manutenção observada em tempo real durante os levantamentos, em mais de uma ocasião, evidenciando que, além de ocupados, alguns desses imóveis são regularmente mantidos por seus habitantes e usuários.



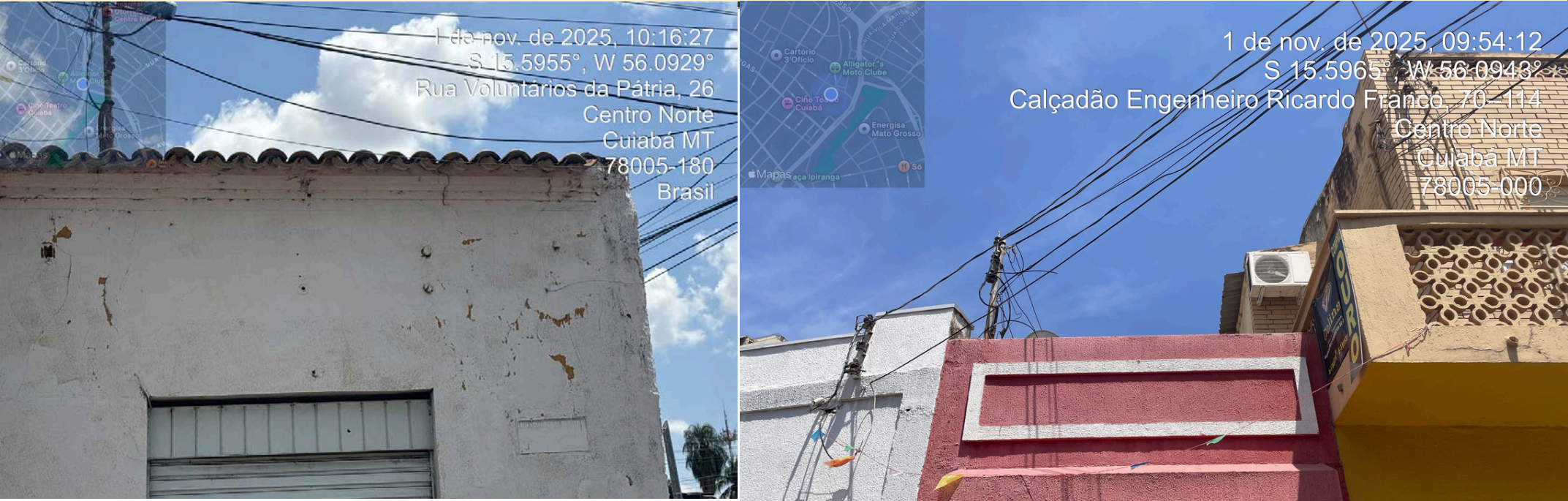
COBERTURA/TELHADO

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM

REGULAR



RUIM

PLATIBANDA

Dados a partir da percepção registrada:

De modo geral, adornos, esquadrias e coberturas que não apresentavam características próximas ao período colonial receberam avaliações mais baixas, mesmo quando estavam em boas condições de conservação. Isso mostra que **o estado físico de um elemento não é o único fator considerado na sua avaliação. Quando há sinais de descaracterização, o reconhecimento de sua integridade se torna mais complexo.**

Na categoria cobertura, essa relação ficou ainda mais evidente. Em alguns casos, mesmo sem danos facilmente visíveis a partir da rua, a cobertura recebeu classificação regular ou ruim. Nessas situações, **fizemos uma verificação caso a caso para entender o que estava influenciando essa percepção.** Observamos que, em alguns imóveis, o material utilizado era claramente contemporâneo, criando uma diferença em relação às características esperadas para o conjunto, ainda que estivesse dentro dos parâmetros estabelecidos pelo IPHAN. Em outros casos, a avaliação da cobertura parecia estar relacionada às condições dos demais elementos da fachada, que apresentavam danos mais evidentes.

Essa constatação reforçou a **importância de analisar cada elemento separadamente, mas sem perder de vista a relação entre eles.** Embora as categorias sejam avaliadas individualmente, os elementos da fachada estão relacionados e são percebidos em conjunto. É justamente **nesse ponto que o diagnóstico por categorias se mostra importante: ao dividir a fachada em diferentes elementos, torna-se possível identificar com mais precisão onde estão os problemas e quais deles precisam de maior atenção. A partir disso, a análise também pode orientar inspeções mais detalhadas e contribuir para a definição de estratégias de intervenção.**

Assim, a análise por categorias não busca fragmentar a compreensão da edificação, mas **tornar mais clara a leitura de suas partes para compreender melhor o todo.** Uma percepção que inicialmente aparece de forma geral pode, por meio desse procedimento, ser desdobrada em diferentes elementos, permitindo entender melhor **as relações que contribuem para determinada condição e identificar onde o cuidado precisa ser aprofundado.**

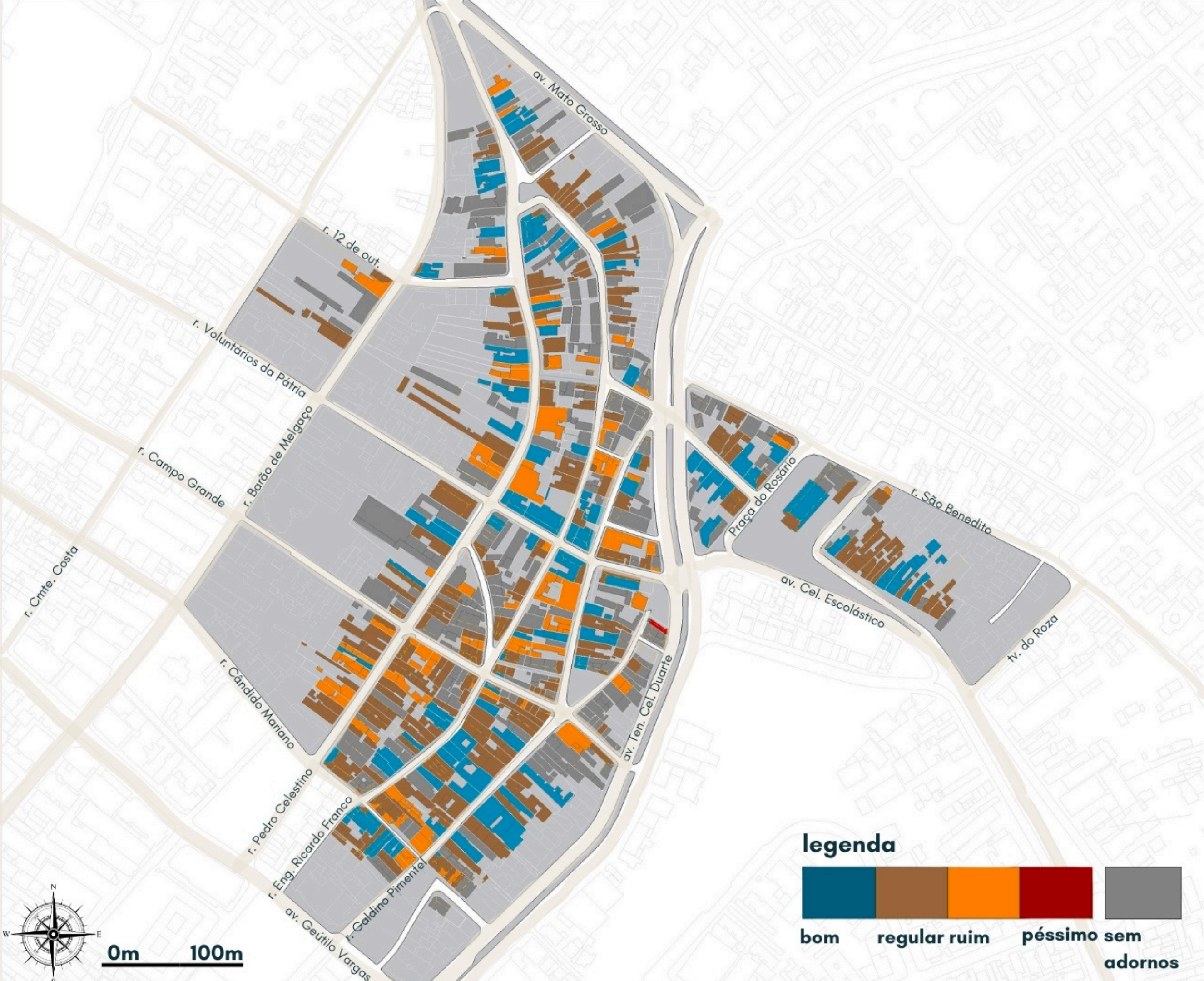
ADORNO/ORNAMENTO

Os principais danos encontrados nesta categoria referem-se a **infiltração, trincas e desprendimento de material**. Por vezes, esses danos estão associados às condições de outras categorias, como a deterioração da eira, beira e tribeira decorrente de telhas quebradas, ou as trincas nas próprias paredes, que, ao se prolongarem, podem atingir também os ornamentos, evidenciando um processo de deterioração que pode estar ocorrendo de maneira integrada entre os diferentes elementos da fachada.

Os adornos e ornamentos classificados como **ruins** encontram-se dispersos pelo recorte de análise, não sendo possível identificar um padrão espacial evidente. Destaca-se, contudo, que esta foi uma das categorias que mais apresentou divergências entre os fragmentos das esquinas, evidenciando que cada lado da edificação pode apresentar diferentes condições e tratamentos para os elementos ornamentais. Por não exercerem, em geral, uma função essencial à proteção ou ao fechamento da edificação, os adornos parecem estar mais sujeitos a tratamentos distintos, à ausência de manutenção ou mesmo à sua supressão, tornando sua permanência particularmente vulnerável.

Apenas uma fachada teve seus adornos classificados como **péssimos**. Nesse caso, os elementos ornamentais encontravam-se praticamente reduzidos às suas marcações, após a perda dos elementos superficiais que os constituíam. Chama atenção o fato de que, de modo geral, a fachada apresentava condição regular de conservação, evidenciando que a degradação de um elemento específico pode alcançar grau elevado mesmo quando os demais componentes da fachada permanecem relativamente conservados.

De modo geral as classificações de **regular** e **bom** estão dispersas pela área analisada. Entretanto, chama atenção o Setor Rosário, pela quantidade de fachadas que ainda apresentam adornos e pela distribuição relativamente equilibrada entre essas duas classificações. Nesse mesmo sentido, os “miolos” dos calçadões também apresentam aspectos positivos para esta categoria, com a presença e a conservação de elementos ornamentais que contribuem para a leitura e conservação das fachadas.



legenda

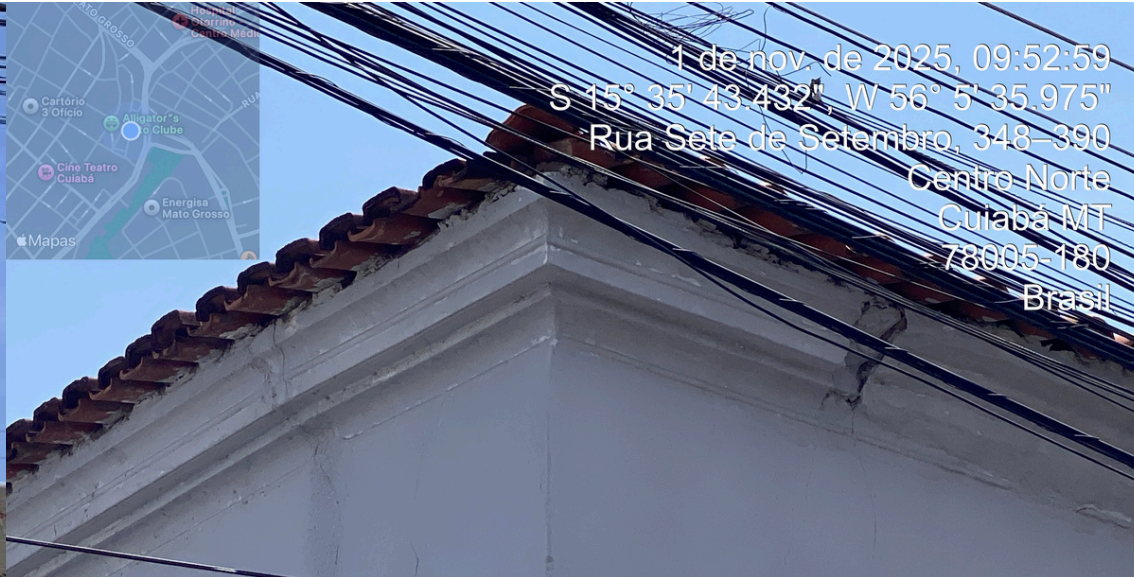


ADORNO/ORNAMENTO

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM



REGULAR



RUIM



PÉSSIMO

Dados a partir da percepção registrada:

Ao relacionar os dados dos afetos registrados durante os levantamentos, percebeu-se que **os adornos tinham um papel importante na evocação de memórias e na criação de associações.** As iniciais e as datas presentes nas fachadas também foram bastante comentadas durante o trabalho de campo e apareceram nos campos abertos do formulário. Isso mostra que **alguns elementos ornamentais e inscrições chamam mais a atenção e despertam maior interesse quando as fachadas são observadas com mais cuidado.**

Por outro lado, chamou atenção a **dificuldade dos observadores em diferenciar o que era adorno e o que era elemento estrutural, principalmente quando essas duas funções estavam associadas.** Elementos como eira, beira e tribeira, por exemplo, foram pouco reconhecidos como componentes ornamentais. Essa dificuldade mostra a **importância de ampliar o conhecimento sobre os elementos da arquitetura e sua dimensão histórica.** Mais do que reconhecer sua forma, é importante compreender como esses elementos se relacionam com as formas de construir, viver e ocupar as edificações em diferentes períodos. **Reconhecê-los, portanto, ajuda a compreender não apenas a composição das fachadas, mas também os modos de construir e as referências que fizeram parte de sua formação.**

As diferenças no reconhecimento também mostram aquilo que já faz parte do repertório de quem observa. **Adornos presentes nas platibandas e no contorno das esquadrias, por exemplo, foram identificados com mais facilidade.** Isso indica que alguns elementos são mais familiares ou fáceis de reconhecer. Nesse sentido, a dificuldade de identificar ou nomear determinados componentes também se torna um dado importante da experiência, mostrando que **aprender a olhar para a arquitetura envolve ampliar o repertório sobre seus elementos e sua história.**

Por fim, chamou atenção a presença de **trechos consecutivos sem adornos.** Na maioria dos casos, essa ausência não aparecia em uma única fachada, mas se repetia em pelo menos duas fachadas vizinhas. Essa ocorrência mostra que a **ausência de ornamentos também participa da leitura do conjunto e pode estar relacionada a transformações que vão além de uma única edificação.**

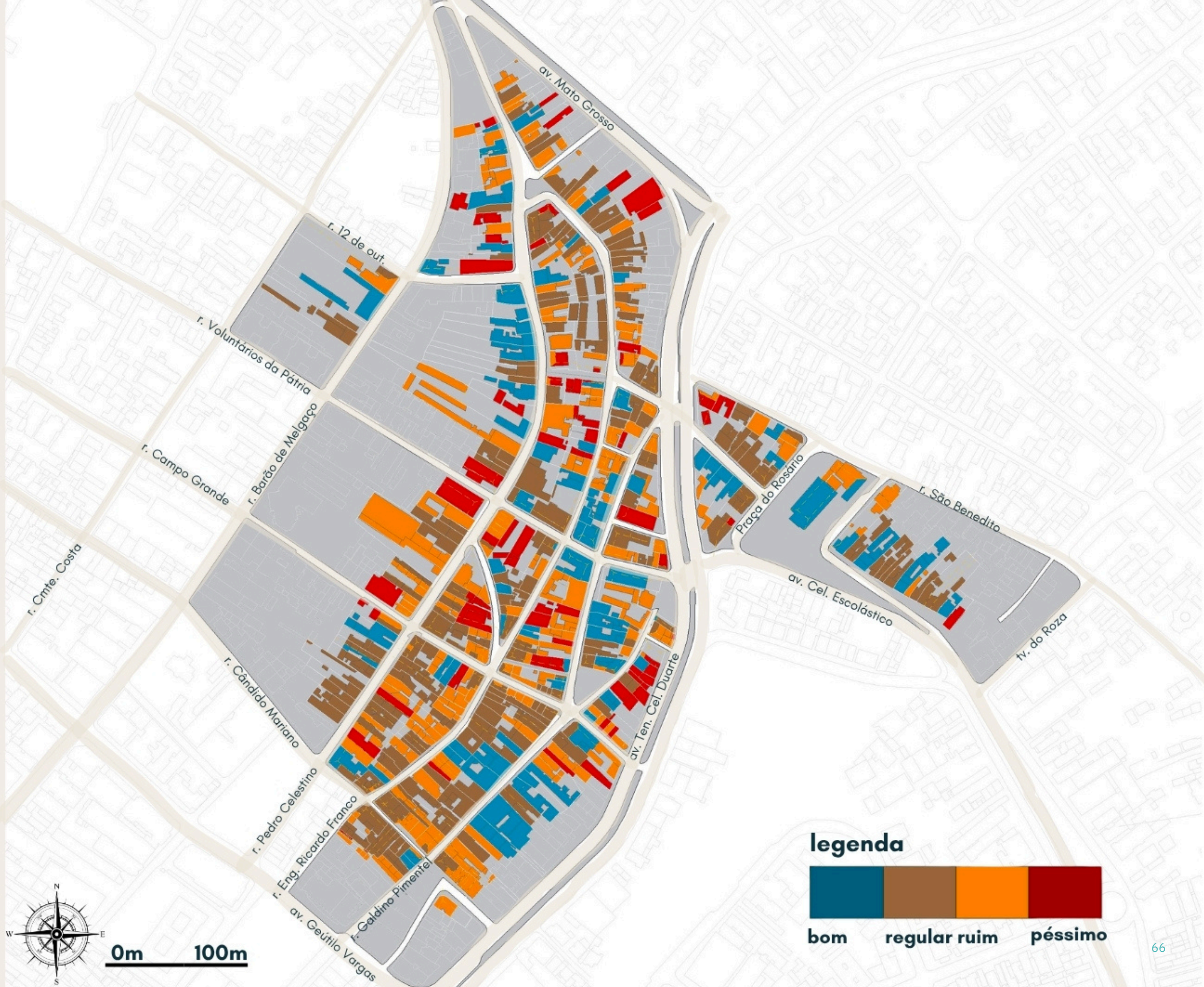
DIÁLOGO COM O CONJUNTO HISTÓRICO

Essa categoria, em especial, não detalhou os danos encontrados, embora se compreenda que a nota atribuída também parta da percepção dessas condições. Mais do que avaliar aquilo que foi perdido, a análise concentrou-se na qualidade daquilo que permanece. Em outras palavras, o objetivo não é mensurar a perda patrimonial em si, mas compreender em que medida os elementos remanescentes ainda são capazes de sustentar a leitura histórica da paisagem. A nota é, portanto, fortemente sustentada pela percepção do pesquisador no território, considerando a experiência por esta metodologia construída, mediante aquilo que passa a atravessar esse olhar.

As classificadas como **ruins** encontram-se dispersas pelo recorte de análise. Para essa classificação, despontaram duas situações principais: imóveis em que o nível de deterioração estava tão avançado que o diálogo com o conjunto se encontrava comprometido, e aqueles em que o grau de descaracterização era tão acentuado que também dificultava esse diálogo. Surpreendentemente, essas situações não demonstraram estar diretamente associadas ao tipo de uso, seja comercial ou residencial.

Entre as classificadas como **boas**, destacaram-se, em sua maioria, igrejas, órgãos públicos e escolas. Na sequência, os imóveis de uso residencial foram os que mais apresentaram essa classificação, enquanto os de uso comercial apareceram em menor proporção, indicando que as dinâmicas próprias da atividade comercial podem impor desafios à manutenção do diálogo entre a fachada e o conjunto histórico.

Esta foi a categoria que apresentou maior quantidade de classificações **péssimas**, evidenciando situações em que as intervenções realizadas nas fachadas demonstraram pouco diálogo com o conjunto histórico e, em alguns casos, não atenderam sequer às normativas aplicáveis. As classificações **regulares**, por sua vez, abrangem os casos que não se enquadraram nas condições descritas, apresentando algum nível de diálogo com o conjunto, embora sem alcançar maior grau de integração.



DIÁLOGO COM O CONJUNTO HISTÓRICO

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM

REGULAR



RUIM

PÉSSIMO

Dados a partir da percepção registrada:

Também foi possível perceber que a avaliação da relação do imóvel com o conjunto histórico envolve uma **dimensão de futuro, ligada à possibilidade de reverter algumas das alterações existentes**. Há, nesse sentido, uma espécie de **“esperança”** de recuperação: mesmo quando uma edificação apresenta descaracterizações, considera-se o quanto essas mudanças ainda podem ser modificadas ou recuperadas para retomar sua relação com o conjunto.

Assim, imóveis com alterações mais fáceis de reverter, como pinturas inadequadas ou substituição de esquadrias com manutenção dos vãos originais, puderam receber avaliações mais positivas. Já intervenções como o alargamento ou a demolição de vãos, a retirada de adornos e mudanças significativas na composição da fachada tendiam a receber notas mais baixas, por representarem perdas mais difíceis de recuperar. Dessa forma, **a integração ao conjunto histórico não depende apenas da condição atual da fachada, mas também das possibilidades de recuperação e de aproximação com as características que formam a paisagem histórica**.

Enquanto a avaliação dos elementos materiais da fachada se baseava principalmente na identificação de suas condições e dos danos visíveis, a **categoria relacionada ao conjunto histórico envolvia de maneira mais direta a forma como cada pesquisador percebia o imóvel em relação ao seu entorno**.

Por isso, foi nessa categoria que apareceram algumas das maiores diferenças entre as notas registradas durante o levantamento e aquelas definidas posteriormente, a partir da revisão técnica. Isso mostra que esse campo envolvia interpretações e percepções que nem sempre apareciam com a mesma intensidade nas demais categorias. Essa diferença pode ser entendida como parte das **dimensões afetivas da experiência, que muitas vezes surgem antes mesmo de serem percebidas ou elaboradas de forma consciente**. Nesse sentido, essas diferenças também se tornaram importantes para compreender as diversas formas de perceber e interpretar o território.

Ao revisar os registros e comparar as diferentes percepções, também foi possível perceber que as experiências vividas durante o levantamento influenciavam a avaliação da relação do imóvel com o conjunto. Em alguns casos, **conversar com alguém no imóvel, conhecer uma história ou observar como aquele espaço era utilizado no cotidiano parecia contribuir para uma percepção mais positiva**. Essas situações mostram que **a experiência do lugar também participa da forma como o Centro Histórico é percebido**. A relação com o patrimônio não se constrói apenas a partir das características materiais e arquitetônicas das edificações, mas também das **experiências, dos vínculos e das formas de apropriação que acontecem nesses espaços**.

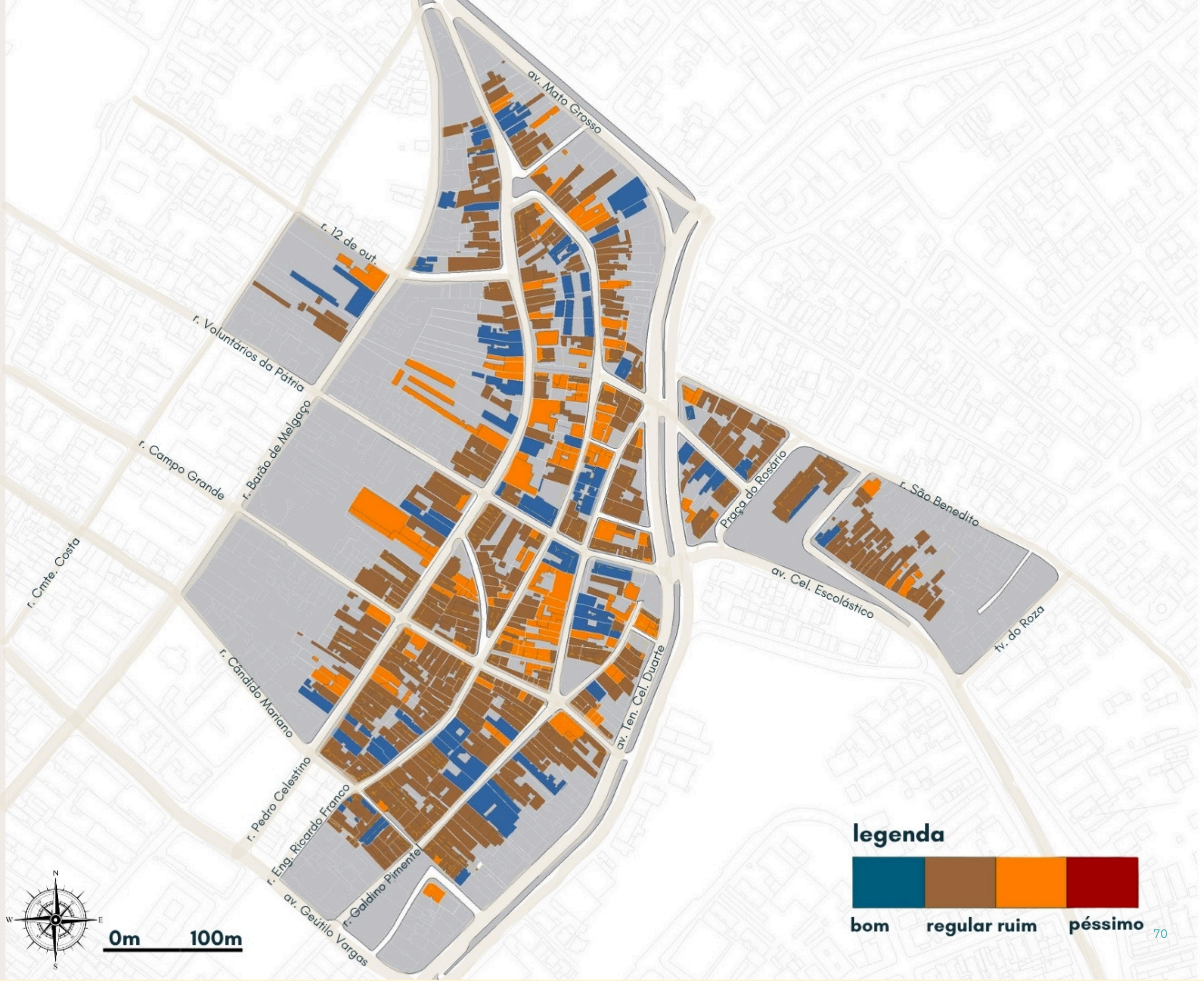
ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL DAS FACHADAS

Considerando os pesos atribuídos a cada categoria, chega-se, então, ao diagnóstico final de cada fragmento de fachada analisado. Essa forma de elaboração permite consultar tanto a classificação individual de cada elemento que compõe a fachada quanto, de maneira mais sintetizada, a classificação geral do fragmento, possibilitando uma leitura que parte das condições particulares de seus componentes para alcançar uma compreensão mais ampla de seu estado de conservação.

As classificadas como **ruins** encontram-se dispersas pelo recorte de análise. Entretanto, destaca-se especialmente a sequência de imóveis voltada para a Rua Eng. Galdino Pimentel, na quadra delimitada pelas ruas Voluntários da Pátria e Campo Grande. Nesse trecho, a disposição sequencial de imóveis classificados como ruins denuncia uma situação que chama a atenção e demanda cuidado, sobretudo por coexistir com a presença de edificação que já apresenta escoramento, além de registros de desabamentos recentes.

Entre as classificadas como **boas**, destacaram-se, em sua maioria, as fachadas voltadas para a direção sudeste. Essa concentração chama atenção quando considerada em relação às condições de insolação e ventilação predominantes em Cuiabá, uma vez que a orientação das fachadas pode influenciar sua exposição à radiação solar, aos ventos e à ação das intempéries. Nesse sentido, a orientação solar pode constituir um fator a ser considerado na compreensão das condições de conservação observadas, especialmente quando associada às práticas de manutenção identificadas durante os levantamentos.

As classificações **regulares**, por sua vez, abrangem a maior parte das edificações da área tombada, apresentando diferentes padrões de configuração e conservação. Embora não se concentrem em uma condição ou situação específica, esses imóveis compartilham características que os situam em uma condição intermediária em relação às demais classificações.



ESTADO DE CONSERVAÇÃO GERAL DAS FACHADAS

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM



RUIM



REGULAR

Dados a partir da percepção registrada:

A concentração de classificações ruins, apresentada na página anterior, foi entendida como um sinal de que esse trecho precisa de maior **cuidado**. Essa situação chama ainda mais atenção por se tratar de uma **área bastante utilizada, com forte presença de pessoas no espaço público** e, em alguns casos, também no interior dos próprios imóveis. Foi interessante perceber que algumas edificações que, à primeira vista, pareciam desocupadas ainda apresentavam pessoas em seu interior. Isso mostra que a aparência de abandono nem sempre significa que o imóvel esteja sem uso ou sem apropriação.

A **presença simultânea de deterioração física, permanências materiais, usos e intensa movimentação cotidiana reforça a necessidade de atenção a esse trecho**. Embora o diagnóstico final tenha apontado uma condição ruim de conservação, a experiência em campo revelou uma paisagem bastante vivenciada e apropriada. Isso demonstra que o **estado de conservação dos imóveis não está necessariamente relacionado à ausência de vida, de uso ou de vínculos com o lugar**.

Em relação à orientação solar, os resultados também levantaram uma possibilidade que pode ser aprofundada em pesquisas futuras e contribuir para a definição de diretrizes de intervenção.

A **orientação das fachadas pode influenciar a forma como elas ficam expostas ao sol, à chuva e a outras condições ambientais, podendo ter relação com os processos de deterioração e conservação**.

Os dados produzidos, porém, não permitem afirmar uma relação direta entre a orientação das fachadas e seu estado de conservação. Ainda assim, a maior concentração de fachadas classificadas como boas na orientação sudeste indica uma possibilidade de investigação. Além das condições de manutenção e uso, a própria **implantação das edificações pode influenciar sua exposição às condições ambientais e, conseqüentemente, sua conservação**.

Esse resultado abre espaço para novos estudos que relacionem os dados de conservação, a orientação das fachadas e as condições ambientais de cada trecho. Esse cruzamento pode contribuir para compreender melhor os fatores que interferem na conservação dos imóveis e, futuramente, apoiar estratégias de intervenção mais adequadas às diferentes condições encontradas no conjunto histórico.

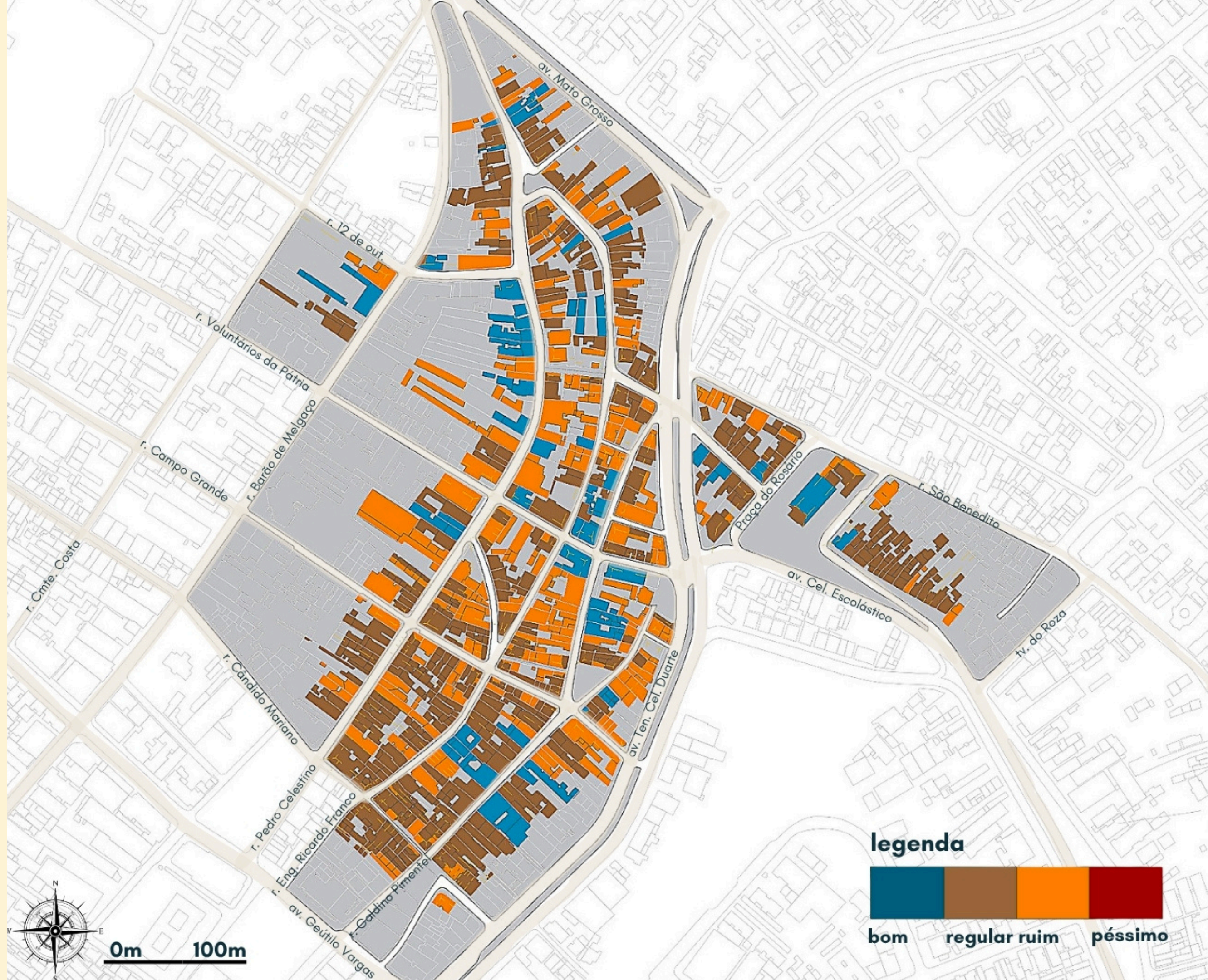
ÍNDICE DE IMPACTO NA PAISAGEM

Considerando os pesos atribuídos a cada categoria, chega-se, então, ao índice de impacto na paisagem. O índice proposto relaciona o estado de conservação das edificações com seu grau de integração ao conjunto histórico, considerando não apenas as condições físicas dos imóveis, mas também a qualidade do que permanece na paisagem.

As classificadas como **ruins** encontram-se dispersas pelo recorte de análise. Entretanto, verifica-se que imóveis em elevado estado de degradação dificilmente alcançam uma boa classificação no índice de impacto na paisagem, uma vez que as condições de conservação da edificação também participam da composição desse resultado.

Poucos fragmentos de fachada se enquadraram na classificação de condições **boas**. Nessa atribuição, destacaram-se as fachadas que apresentavam intervenções recentes orientadas por princípios compatíveis com a normativa, bem como aquelas cujos danos aparentes não comprometiam significativamente seu diálogo com o conjunto histórico.

As classificações **regulares**, por sua vez, abrangem a maior parte das edificações da área tombada, apresentando diferentes padrões de configuração e conservação. Entre todas as categorias analisadas, esta foi a que apresentou maior sequencialidade espacial, com ocorrências consecutivas que se mantiveram independentemente do uso ou da ocupação dos imóveis. Essa continuidade evidencia que a condição regular não se restringe a uma determinada dinâmica de uso, mas se distribui de maneira relativamente contínua pelo conjunto analisado.



ÍNDICE DE IMPACTO NA PAISAGEM

EXEMPLOS DA CATEGORIA



BOM



RUIM



REGULAR

Dados a partir da percepção registrada:

Os resultados desta categoria mostraram que **edificações descaracterizadas podem gerar um impacto negativo mesmo quando estão bem conservadas**. Da mesma forma, **imóveis que ainda mantêm características históricas, mas apresentam sinais de degradação, também podem prejudicar a leitura do conjunto urbano**.

Isso mostra que a percepção da paisagem não depende apenas do estado de conservação, mas envolve também memória, ambiência e continuidade visual entre as edificações.

No entorno da Igreja do Rosário, foi possível perceber uma relação **mais próxima entre o estado de conservação dos imóveis e o impacto que eles causavam na paisagem**. Nesse trecho, essas duas dimensões pareceram estar mais diretamente relacionadas.

Por outro lado, a presença de fachadas classificadas como regulares e ruins em diferentes pontos da área analisada mostrou que as **condições de conservação e as intervenções realizadas nos imóveis nem sempre se refletem na paisagem como um todo**. Muitas vezes, elas permanecem mais evidentes na leitura de cada edificação de forma isolada.

Assim, os resultados reforçam que a **leitura do patrimônio não acontece apenas a partir de cada imóvel, mas da relação entre as edificações e o conjunto**. Conservação, descaracterização, memória, ambiência e continuidade visual se combinam e influenciam a forma como o Centro Histórico é percebido.

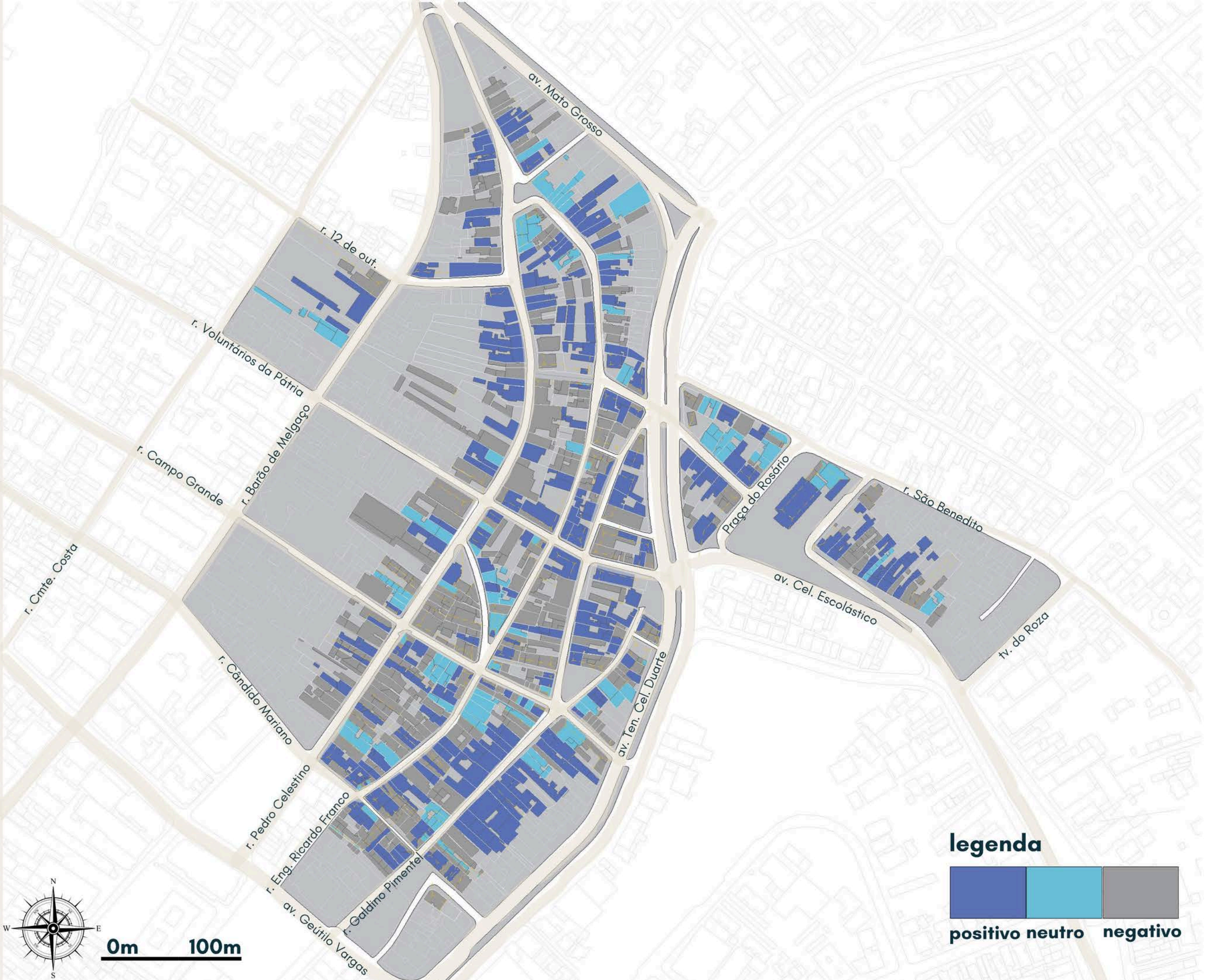
O impacto na paisagem, portanto, surge justamente da relação entre essas partes, envolvendo tanto aspectos materiais quanto as experiências e percepções construídas no espaço.

AFETOS

Os levantamentos mostraram que os **afetos dificilmente aparecem de forma isolada, estando geralmente relacionados ao conjunto da rua e à paisagem como um todo, e não apenas à fachada de um edifício.** A percepção de cada imóvel também é influenciada pelas **memórias e experiências de quem o observa.** Essa dimensão pessoal ficou evidente em alguns afetos mais específicos, acompanhados de descrições como “animada, pois é meu primeiro levantamento”, mostrando que a experiência afetiva também depende do momento e das circunstâncias vivenciadas durante o campo.

Também foi observado que um **edifício degradado pode despertar sentimentos positivos, indicando que o afeto não está necessariamente relacionado ao estado de conservação do imóvel.** Da mesma forma, a presença de afetos neutros entre classificações positivas e negativas sugere que a **percepção da paisagem pode acontecer de forma gradual,** passando por diferentes sensações ao longo do percurso. Essa percepção também pode estar relacionada à dinâmica dos levantamentos, realizados em duplas que alternavam os imóveis e, em alguns momentos, permaneciam em lados opostos da rua. A proximidade entre algumas classificações afetivas feitas por diferentes pesquisadores, em um mesmo período e espaço, permite pensar na existência de possíveis **atmosferas afetivas** compartilhadas.

Assim, o mapeamento dos afetos permitiu identificar tanto aspectos individuais da experiência quanto possíveis padrões espaciais de percepção, ampliando a compreensão da paisagem para além de seus aspectos materiais.



legenda





Referências

- BELLACASA, María Puig de la. *Matters of Care: Speculative Ethics in More than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem Urbana*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2006.
- FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: um processo de mediação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012. p. 22-29.
- FREIRE, Julio De Lamonica. *Por uma poética popular da arquitetura*. Cuiabá: EdUFMT, 1997.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1960.
- OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios afetivos: um novo recurso para o turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. *Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade*, v. 11, n. 4, p. 847-860, 2019.
- OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. *Uma proposta metodológica para um novo pensamento: patrimônios afetivos*. Pelotas, RS, 2019.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- SILGUEIRO, Gabriela Rangel. Texto para cartilha de educação patrimonial junto à AML. Cuiabá: IPHAN-MT, [s.d.]. Arquivo do IPHAN-MT. Texto não publicado.
- SILVA, Luiz Alberto Gomes da. *Revitalização do Centro Histórico de Cuiabá*. 2009.
- ZARBATO, Jaqueline; RODRIGUES, Sandra Maria. De Ana Maria à Severina: o patrimônio cultural afetivo, as emoções e memórias em Ceilândia/DF. *Saeculum – Revista de História*, João Pessoa, v. 27, n. 46, p. 263-284, 2022.

Documentos, cartas, manuais e normas

- ABNT. NBR 5674:2012. *Manutenção de edificações: requisitos para o sistema de gestão de manutenção*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2012.
- ABNT. NBR 15575:2013. *Edificações habitacionais: desempenho*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2013.
- ABNT. NBR 16747:2020. *Inspeção predial: diretrizes, conceitos, terminologia e procedimento*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020.
- CARTA DE CRACÓVIA 2000. *Princípios para a conservação e o restauro do patrimônio construído*. Cracóvia, 2000.
- ICOMOS. *Carta de Veneza: Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios*. Veneza: ICOMOS, 1964.
- IEPHA. *Modelo de laudo técnico do estado de conservação dos bens protegidos*. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2023.
- PROGRAMA MONUMENTA. *Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural*. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- CORREIOS. *Guia de metodologia de intervenção de imóveis históricos*. Brasília: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 2024.



Coordenação do Projeto:

Marcia Alves
Cleberon Ribeiro

Textos:

Marcia Alves
Bruna Silva
Natália Turi
Tamires Soares

Edição Geral:

Bruna Silva
Marcia Alves
Natália Turi

**Identidade visual e
Projeto Gráfico**
Space Content

Equipe do Núcleo de Patrimônio

Bruna Santos e Silva
Carla Anhaia
Doriane Azevedo
Everton Gomes
João Victor Muniz
Marcia Alves
Natália Lins Turi
Sônia Romancini
Tamires Soares

Equipe Projeto Alma:

Ana Oliveira	Ibraim Fantin
Benjamim da Silva	João Victor
Bruna Santos e Silva	Kauã dos Anjos
Carla Anhaia	Laurenice Lopes
Carlos Hernandez	Luis Symanski
Cleberon Ribeiro	Marcia Alves
Doriane Azevedo	Natália Lins Turi
Eduardo Daflon	Sônia Romancini
Érica Meriele	Tamires Soares
Everton Gomes	Vanessa Silva
Fernando Jorge	Victor Silva
Francisco de Assis	Vinicius Oliveira
	Wilson Ferreira

Realização



Apoio



GEOGRAFIA
UFMT



FAPEMAT



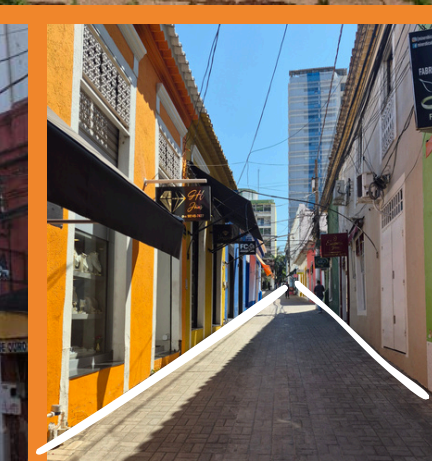
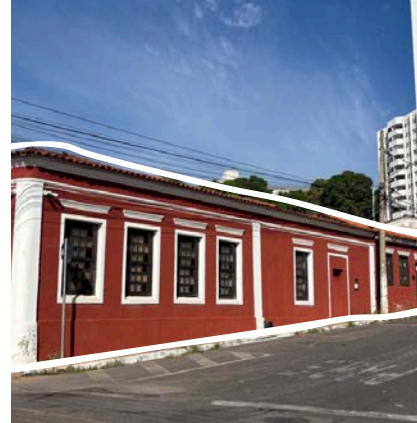
Governo de
Mato Grosso



CNPq



CAPES



É permitida a reprodução desde que citada a fonte.



projetoalmacuiaba.com.br

 [@alma.cuiaba](https://www.instagram.com/alma.cuiaba)

 projetoalmacuiaba@gmail.com

2026